

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

EDUARDA PINTO DE MORAES

JORNALISMO INTERNACIONAL E COBERTURA DE GUERRA:
Uma análise do conteúdo publicado pelo site El País sobre a guerra na
Síria

SÃO LEOPOLDO
2018

EDUARDA PINTO DE MORAES

**JORNALISMO INTERNACIONAL E COBERTURA DE GUERRA:
Uma análise do conteúdo publicado pelo site El País sobre a guerra na Síria**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anelise Zanoni Cardoso

SÃO LEOPOLDO
2018

Aos meus anjos da guarda, Marcela e Jerri.
E à minha fonte infinita de energia, Matheus.

AGRADECIMENTOS

Desde muito pequena ouço minha mãe dizer que a gente não faz nada sozinho. Por trás de cada conquista existem várias pessoas que nos ajudaram, inspiraram, deram suporte. Cada uma dessas pessoas se transformam em pilares que nos sustentam e impulsionam para que atinjamos nossos objetivos. Do início ao final desta pesquisa eu fui agraciada com muitos pilares e assim pude ter certeza de que o ensinamento da minha mãe foi certo. Hoje sou extremamente feliz por saber que tenho muitas pessoas com quem posso contar.

Agradeço imensamente aos meus pais, Marcela e Jerri, por serem os seres humanos mais especiais da minha vida, que tanto me orgulham. Eu não poderia pensar em pais melhores que vocês. Obrigada por todo amor, apoio, incentivo e também cobranças quando necessário. Eu certamente não seria quem sou sem a construção de caráter que me proporcionaram. A vocês, gratidão eterna.

Ao meu pequeno grande homem, que demorou para entender o motivo da minha ausência durante alguns meses, nos quais não pôde ter a atenção de sua irmã. Te agradeço por ser a pessoa que me proporciona as melhores risadas, que me olha e diz: “respira, vai passar”, sempre que as coisas não vão bem. Você é um pontinho de luz que me conduz, quando estou na escuridão.

À minha orientadora maravilhosa, Anelise Zanoni, que clareou minhas ideias e me guiou em todo o percurso desta pesquisa. Obrigada pela disponibilidade, atenção, paciência e incentivo. Termino este trabalho com a certeza de que muito aprendi com você.

Às minhas colegas, Aline, Amanda, Victória, Verônica e Mirian, agora amigas que levarei para a vida. Obrigada por compartilharem comigo todos os momentos da nossa graduação, desde os mais difíceis até os mais prazerosos, inclusive as inseguranças do trabalho de conclusão. Sem essa rede de apoio que criamos, todo esse processo seria mais frio e difícil, e as noites na Unisinos perderiam totalmente a graça.

Aos meus avós, pelo amor incondicional e pela compreensão de minha ausência. Os cuidados de vocês me impulsionam para a vida.

RESUMO

Em abril de 2017, o presidente norte-americano, Donald Trump, disparou mísseis sobre uma base aérea Síria, alegando ser uma retaliação ao ataque químico ocorrido dias antes, atribuído ao governo de Assad. A cobertura desses episódios realizada pelo site do El País, de 4 a 15 de abril, é o objeto de pesquisa deste trabalho, que procura entender como essa foi organizada. O referencial teórico da pesquisa aborda relações entre jornalismo e conflito, fazendo um resgate histórico das coberturas de guerras passadas. Também a profissão de correspondente internacional, seus diferenciais e as ramificações que surgiram com a disseminação da internet. Por fim, a história da guerra síria, contando a origem dos conflitos, quem são as frentes que se confrontam e a situação dos jornalistas que escolheram permanecer no país. Seguindo o método análise de conteúdo, foram selecionados 22 textos para compor o corpus de análise. Os dados coletados revelaram a opção do El País por uma cobertura mais política do que conflitiva ou humanitária, dando maior visibilidade para ações e trâmites políticos norte-americanos do que para as consequências que a guerra tem causado à população síria.

Palavras-chave: Jornalismo internacional. Cobertura de guerra. Primavera Árabe. Guerra na Síria. El País.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Correspondentes brasileiros	30
Gráfico 2 - Origem das reportagens/notícias.....	62
Gráfico 3 - Temas predominantes (panorama geral).....	63
Gráfico 4 - Temas predominantes por região	64
Gráfico 5 - Assunto das reportagens/notícias.....	65
Gráfico 6 - Assunto das reportagens/notícias por região	66
Gráfico 7 - Ambientação das reportagens/notícias panorama geral.....	68
Gráfico 8 - Ambientação das reportagens/notícias por região	69
Gráfico 9 - Presença de fontes nas reportagens/notícias panorama geral.....	70
Gráfico 10 - Presença de fontes nas reportagens/notícias por região.....	71
Gráfico 11 - Posicionamento das fontes oficiais.....	72
Gráfico 12 - Posicionamento das fontes oficiais por região.....	73
Gráfico 13 - Palavras recorrentes	74
Gráfico 14 - Palavras recorrentes tema conflitivo.....	75
Gráfico 15 - Palavras recorrentes tema humanitário.....	76
Gráfico 16 - Palavras recorrentes tema político	77
Gráfico 17 - Apresentação do número de vítimas nas reportagens/notícias	78
Gráfico 18 - Apresentação do número de vítimas nas reportagens/notícias por região	78
Gráfico 19 - Presença das frentes conflitantes nas reportagens/notícias.....	79

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos países envolvidos na Primavera Árabe.....	41
Figura 2 - Domínio das cidades sírias.....	45
Figura 3 - Jornalistas mortos no mundo por exercer a função, com destaque para os números da Síria.....	46
Figura 4 - Tela inicial do site do El País.....	54
Figura 5 - Trecho da reportagem “Sobreviventes do ataque químico na Síria”.....	67
Figura 6 - Trecho da reportagem “Putin condena o ataque dos EUA na Síria e diz tratar-se de uma ‘agressão a um estado soberano’”.....	68
Figura 7 - Trecho da reportagem “Rússia suspende acordo com os EUA que evitava incidentes aéreos na Síria”.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. JORNALISMO E CONFLITO.....	13
2.1 Comunicação violenta	16
2.2 Jornalismo de Guerra	18
3 CORRESPONDENTE INTERNACIONAL.....	26
3.1 Novas tendências de cobertura internacional	33
3.2 Agências de notícias.....	36
4. SÍRIA: UM PAÍS EM RUÍNAS.....	39
4.1 Primavera Árabe	40
4.2 A primavera permanente na Síria	42
4.3 A preocupação com informação e sobrevivência: ser jornalista na Síria	45
5. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	52
5.1 El País.....	53
5.2. Aplicação do Método da Análise de Conteúdo.....	54
5.2.1 Leituras flutuantes	55
5.2.2. Escolha dos documentos	56
5.2.3. Formulação das hipóteses e dos objetivos.....	56
5.2.4. Referenciação dos índices e elaboração de indicadores	57
5.2.5. A preparação do material	59
6. TRAÇOS SINGULARES DA CONSTRUÇÃO DA COBERTURA DA GUERRA SÍRIA NO EL PAÍS	61
6.1. Origem dos textos	62
6.2. Temas predominantes nas reportagens/notícias	63
6.3. Assuntos destacados nos textos	65
6.4. Ambientação retratada nos textos da cobertura	67
6.5. Características das fontes presentes nos textos	69
6.5.1. Posicionamento das fontes oficiais	71
6.6 Reincidências de conteúdos percebidas nos textos	73
6.6.1 Palavras recorrentes	74
6.6.2. Apresentação do número de vítimas nos textos.....	77
6.6.3. Presença das frentes conflitantes nos textos	79
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

ANEXOS92

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estudará fatos sobre a cobertura jornalística na guerra civil da Síria, que iniciou em 2011, motivada pelo momento político que os países do Oriente Médio viviam, denominado Primavera Árabe. No caso específico do país, a resistência violenta de Bashar al-Assad, presidente sírio, aos protestos originou uma revolta contra o governo que resultou em uma forte repressão militar.

Participantes e apoiadores do movimento ficaram conhecidos como rebeldes, por não aceitarem a censura do governo e passarem a responder de forma armada. O conflito tomou grandes proporções e transformou-se em uma guerra civil, na qual rebeldes e soldados do governo lutam por cidades conquistadas ou retomadas. A guerra, que já perdura há sete anos, ganhou destaque mundial pelo número de mortes em todo território. Sendo essa a responsável pelo maior êxodo desde 1992, segundo a ONU, com 7,6 milhões de deslocados.

As grandes potências, Estados Unidos e Rússia, se inseriram e tomaram lado no conflito. Os norte-americanos se posicionaram contra Assad, dando certo apoio aos rebeldes, enquanto os russos defendem o regime. Os países enviaram reforços militares à Síria e passaram a intervir de forma indireta. Até abril de 2017, quando o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ordenou um ataque aéreo à base militar síria, em retaliação ao ataque químico, sem autoria confirmada, lançado poucos dias antes.

É exatamente o estudo da cobertura desses acontecimentos que este trabalho apresenta. Serão analisadas reportagens e notícias realizadas pelo site do El País, no período de 4 a 15 de abril de 2017, momento em que ocorreram o ataque químico e a intervenção dos Estados Unidos com o ataque à base aérea militar síria.

O principal objetivo da pesquisa é entender como o El País organizou a cobertura on-line da guerra na Síria, especificamente no momento citado acima, a partir de repórteres que vivem na América do Norte, Oriente Médio e Europa, localização identificada nas leituras do conteúdo publicado pelo veículo. Para isso foram elencados quatro objetivos específicos: 1) identificar nas matérias temas predominantes, assuntos em destaque e ambientação na qual foram redigidas, de acordo com a região; 2) analisar os conteúdos empregados em cada texto, sempre fazendo a comparação entre os locais de origem; 3) reconhecer a forma de

apuração dos repórteres explorando as principais fontes utilizadas no geral de todas as matérias e fazendo o recorte por tema predominante; 4) analisar o conjunto das matérias redigidas em diferentes regiões verificando a cobertura geral realizada pelo El País.

A guerra na Síria destaca-se dos demais conflitos, no momento, pelo tempo em que está ativa e os mais de 500 mil mortos¹ que contabiliza. Sendo de importância pessoal para a autora, por ser a primeira guerra que presencia ainda em desenvolvimento, tornando-a mais impactante que as demais. O êxodo decorrente da guerra foi outro fator de alerta mundial sobre a situação da Síria. Refugiados sírios morrem em travessias e vivem à mercê do destino, causando grandes repercussões na mídia.

O Jornalismo Internacional, bem como a profissão de correspondente, é uma opção de carreira jornalística que sempre atraiu esta pesquisadora. Os desafios da inserção em um país diferente parecem ser superados pelo conhecimento e crescimento pessoal que a situação oportuniza. O fato de informar a população de seu país, contando a história de outro, para pessoas que, muitas vezes, nunca irão conhecê-lo, também é motivo de inspiração. E todas essas admirações pelo internacional parecem se aprofundar quando se trata da cobertura de uma guerra, além da responsabilidade de contar a história daqueles que vivem em meio ao confronto. Por isso a curiosidade de entender como se dá essa ação jornalística de cobrir o conflito sírio e a quem ela dá voz.

Esta pesquisa tem três capítulos de referencial teórico, o primeiro aborda jornalismo e conflito. Constrói uma reflexão entre a ligação da mídia com os conflitos nacionais e mundiais, trazendo hipóteses sobre a razão da alta audiência de coberturas que envolvem violência. O capítulo fecha fazendo uma contextualização histórica sobre a cobertura jornalística das grandes guerras que impactaram o mundo até o presente momento.

No segundo capítulo fala-se sobre o correspondente internacional, profissional responsável pela cobertura desses conflitos. Aborda-se a definição de correspondente, sua rotina de trabalho, os pré-requisitos que o cargo exige e as mudanças que a internet vem causando no trabalho desses profissionais. Discorre-

¹ Número de mortos na Síria de acordo o Observatório Sírio dos Direitos Humanos apresentado pelo jornal O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/em-sete-anos-guerra-da-siria-ja-tem-mais-de-511-mil-mortos-22479399>>. Acesso em: 03/06/2018.

se também sobre outros profissionais que realizam a cobertura internacional e tornaram-se uma alternativa aos veículos de comunicação, pelo custo reduzido empregado a eles. A última etapa do capítulo fica com as agências de notícias, que também estão envolvidas na editoria internacional, mas não competem com o trabalho dos correspondentes.

O terceiro e último capítulo de referencial teórico contextualiza o cenário da guerra na Síria, começando pela descrição de como era o país antes da guerra, passando pela primavera árabe e conflitos internos que transformaram-se em uma guerra civil, explicando a inserção e a atuação dos grupos terroristas nos embates, até chegar nas intervenções internacionais que abalaram, por certo tempo, o relacionamento entre Rússia e Estados Unidos. Neste capítulo também é retratada a situação dos repórteres que escolheram permanecer na Síria, considerado o terceiro país mais letal para jornalistas.

O estudo científico, em forma de análise de conteúdo, contribuirá para a área de pesquisa sobre o jornalismo de guerra e internacional. Analisando a forma de retratar os acontecimentos utilizada pelos repórteres, identificando as particularidades dos textos redigidos em diferentes regiões, bem como todo o conjunto de uma cobertura realizada por várias pessoas, em diferentes países, falando sobre o mesmo assunto, para o mesmo jornal.

A análise ainda aponta os principais conteúdos empregados em cada texto e expõe o formato de cobertura que o El País tem utilizado, além de fazer uma avaliação categórica das fontes. Somando aos estudos acadêmicos da comunicação, dados sobre a situação do jornalismo internacional e do jornalismo de guerra, que tiveram as rotinas transformadas para apresentar a informação em diversos formatos e com maior agilidade.

2. JORNALISMO E CONFLITO

No âmbito comunicacional massivo em que a mídia atua hoje, seu objetivo é audiência e, mesmo que em uma ótica diferente, o de alguns conflitos também. Por isso, começamos esse capítulo fazendo uma reflexão sobre a ligação entre jornalismo e conflito, que fixa-se em uma troca mútua de interesse de ambas as partes.

Antes é importante definirmos o conceito de conflito, que não necessariamente precisa envolver um confronto físico direto, podendo ser apenas uma divergência de opiniões que causa tensão entre as partes. Como define Marta Pacheco (2014), “um conflito designa uma oposição de interesses que não se traduz obrigatoriamente pelo uso da força armada”.

Contudo, conflitos de pouca ou nenhuma consequência não costumam atrair o público. Quanto mais catastróficos e terríveis forem os atos, maior a espetacularização midiática. A questão que fica são os motivos pelos quais a população é captada pela perspectiva do caos. No livro *Mídia e Terror*, de Jacques A. Wainberg (2005), o autor faz uma relação entre mídia e entretenimento para explicar a questão.

Os confrontos violentos travados nos filmes, geralmente dos gêneros de ação e terror, mas também presentes em outros, com inúmeros efeitos especiais que tornam a cena o mais real possível, levam milhões aos cinemas todos os anos. Na tentativa de entender o que a sensação de assistir a violência causa, Wainberg (2005) levanta sete hipóteses: novidade, busca de sensações, projeção, retaliação e condenação do mal, catarse simbólica, dessensibilização e transferência de excitação (WAINBERG, 2005).

A novidade está atrelada ao despertar da curiosidade, e o que ocorre nos conflitos não é o que se tem por recorrente. A produção de estímulos, presente em tais cenas, compreende a busca por sensações. Projeção e retaliação do mal completam-se, uma vez que a primeira refere-se às reações do público escolhendo um ou o outro lado. A segunda traz o desfecho da decisão por uma das partes, justificando e aceitando a violência quando usada para penalizar comportamentos ruins. Controvérsias rondam a definição da catarse simbólica, de forma a torná-la incrível no contexto, que define caráter terapêutico à violência simulada em indivíduos revoltados que agem agressivamente. O desejo da sensação de

indiferença ou apenas menor sensibilidade aos medos que afrontam, faz com que as pessoas olhem e consumam os atos e consequências dos conflitos, sendo que a transferência de excitação promove a ressignificação de estímulos (WAINBERG, 2005).

Mas, então, se por alguma das hipóteses acima descritas ou outras, o ser humano é atraído pelo terror e a força da mídia é a audiência, seria a comunicação, em nível mais estrito o jornalismo, parceiro dos conflitos? Para alguns teóricos, sim.

Manifestações de rua, quebra-quebras, bloqueios de estradas, greves, invasões de prédios e atos de terror têm a mesma lógica da “comunicação violenta”: são pseudo-eventos articulados pela parte interessada como espetáculo midiático que se conforma a essa vizinhança onde convivem perigosamente o noticiário e o show business. (WAINBERG. 2005, p. 17)

Seguindo Wainberg (2005), pode-se perceber que a relação entre jornalismo e conflito não fica apenas no âmbito de grandes confrontos. As manifestações populares, tendo como exemplo as do ano de 2013 no Brasil, têm ascensão quando fazem mais do que mobilizar milhares carregando cartazes e gritando reivindicações. Os black blocs ganham protagonismo, mesmo quando em atos isolados, bem como a ação violenta da polícia contra eles.

Os noticiários diários estão recheados de crimes violentos, guerra do tráfico, índices de violência urbana que impactam a população. Vilas e bairros são estigmatizados pelos jornais, quando noticia-se apenas fatos negativos, porém, são esses os que mais parecem atrair o público.

Em casos maiores de abrangência internacional, apesar da distância em algumas situações, as notícias ganham destaques, e o pavor ecoa além dos limites territoriais. Na comparação feita por Rodrigo Augusto Duarte Amaral (2015), entre atos terroristas, dois praticados na França e outros diários na África, é possível perceber a maior valorização do acontecido em países de grande potência mundial. Os atos na França ocorreram em janeiro de 2015, em sequência, tendo o jornal satírico francês Charlie Hebdo como alvo, ocasionou 17 mortes, mas mobilizou o mundo pela paz e segurança no país. Já conflitos no Oriente Médio e África que mataram milhões, não são tratados como acontecimentos horríveis e sim como algo natural ou cultural, demonstrando a hipocrisia midiática e a falta de identificação da população ocidental com a oriental.

Ao se comparar de forma analítica a repercussão e o impacto internacional dos ataques ocorridos na França em janeiro de 2015 e as dezenas de ataques efetuados pelo *Boko Haram*, ou mesmo as milhares de mortes no conflito entre Israel e Palestina, ou os vários mortos no embate entre Russos e Ucrânianos, ou Síria e Estado Islâmico, Curdos e Estado Islâmico, etc., percebe-se como existe um longo espaço que separa a relevância e os impactos dos conflitos internacionais na sociedade ocidental, que detém o domínio das mídias e informações. Assim, por consequência, existe uma influência que se aplica na percepção da violência no mundo. (AMARAL. 2015, p. 104)

O terrorismo é uma forma de conflito extremamente política, que visa a imposição soberana das exigências de seus praticantes e a disseminação do horror. Ligados culturalmente ao Oriente Médio, os casos de terrorismo estão fundamentalmente presentes na imprensa, seja pelo número de vítimas, pela forma como ocorrem ou pelo país escolhido para sofrer tais atos.

Então, os ataques terroristas primam pela organização porque cuidadosamente orientam-se para os media, de modo a atrair a sua atenção, tornando estes eventos aliciantes, também, para os órgãos de comunicação. Há, então, uma relação de benefício mútuo entre o terrorismo e os media. (PACHECO. 2014 p. 24)

A guerra, por exemplo, utiliza-se da mídia de forma diferente, mais do que os acontecimentos de fato, exaltam-se as estratégias e interesses políticos. De certa forma, órgãos governamentais usam o jornalismo para incitar a guerra, fazendo uma justificativa dos motivos pelos quais necessitam realizar o embate direto. Goza de uma espécie de legitimação, um confronto do bem contra o mal, que a diferencia de todas as outras ações violentas.

Angela Zamin (2013) estudou o conflito entre a Colômbia e o Equador. Assim, a partir das observações ela estabeleceu “três modos de aproximação entre o jornalismo e o conflito: 1) pelos conflitos que o Jornalismo reconhece; 2) pelos conflitos que provoca; e 3) pelos que o envolvem” (ZAMIN, 2013). Assim como em qualquer cobertura, o jornalismo opta por um enquadramento ao reconstruir um fato, fazendo um recorte de um todo. A omissão de acontecimentos paralelos pode, por vezes, alterar ou induzir a interpretação dos receptores da mensagem. A percepção do jornalista sobre o que está retratando e a abordagem definida por ele ou pelo veículo que trabalha, compreendem o primeiro modo.

O segundo, “pelos conflitos que provoca”, poder ser visto como uma consequência do primeiro. O recorte realizado pelo jornalismo ao construir matérias, notícias, reportagens e entrevistas interfere direta ou indiretamente na relação entre as partes opostas e aliadas de um conflito, perpetuando o existente ou criando novos. E o último refere-se às tramas políticas envoltas pelos atritos que tem relação direta com os mídias (ZAMIN, 2013).

Ao propor sentidos para os acontecimentos, o Jornalismo pode provocar novas fissuras. Os conflitos provocados por ele são originados pela forma de dizer o acontecimento, quer sejam reconhecidas como ‘corretas’ ou ‘incorretas’ por seus pares, leitores ou por aqueles diretamente interessados naquilo que está sendo dito. (ZAMIN. 2013, p. 69)

Na citação acima quando fala dos pares, refere-se a notícias veiculados por um jornal que são tomadas como credíveis, geralmente de jornais maiores e melhor conceituados e repassadas por outros periódicos. No artigo Zamin (2013) refere-se a um caso envolvendo a Folha de São Paulo e o El Tiempo da Colômbia, em que um “não” acrescido à fala de um representante do conflito causou grande repercussão e interferência no mesmo.

Retomando os assuntos abordados, pode-se dizer que a relação entre jornalismo e conflito é estreita, mútua e algumas vezes perigosa. Os mídias servem aos confrontos violentos, dando-lhes visibilidade e espalhando o terror. E as cenas produzidas por esses confrontos dão ao jornalismo audiência. No entanto, um recorte tendencioso feito pelos jornais pode refletir no conflito e um erro publicado abala a credibilidade colocando a audiência em risco.

2.1 Comunicação violenta

Ao trabalhar com jornalismo e conflito, aborda-se, sobretudo, a violência, pois o jornalismo retrata, com suas peculiaridades, os atos violentos produzidos pelos conflitos. Sendo assim, as partes confrontantes são produtoras e a mídia disseminadora, todas com o propósito final de usufruir das consequências obtidas com o impacto do público.

No entanto, a violência não acontece só quando midiaticizada ou em confronto envolvendo milhares. Os atritos volumosos, físicos e diretos são consequência de

vários pequenos atos de violência não interessantes aos olhos do público e esquecidos pela mídia.

Wainberg (2005), que considera o terrorismo um ato político, aborda tais fatos como uma “comunicação violenta”. A motivação por trás dos atentados é ter visibilidade, obrigar o mundo a vê-los e, de certa forma, compreender seus desejos manifestados. Alerta-se todos de uma só vez, faz-se ver e ouvir. Considerando isso, podemos associar à “comunicação violenta” outras formas de conflito, como a própria violência urbana, apesar de não programar a atenção da mídia e não saber a mensagem que está transmitindo, ela está alertando dia após dia os graves problemas sociais do país.

Johan Galtung (2005) estudou a paz a partir da guerra, criou subdivisões para as violências e estabeleceu seus respectivos níveis hierárquicos. São elas a violência cultural, aplicada pelos brâmanes (clero); estrutural, aplicada pelos vaixás (comerciantes); e direta, aplicada pelos xátrias (aristocratas). A primeira refere-se aos atos violentos enraizados na construção social e legitimados pela população, como a objetificação e desprezo da mulher, os preconceitos contra todo tipo de alteração nos padrões. É uma violência que atinge o psicológico silenciosamente, é aceita por todos, algumas vezes, inclusive pelos alvos.

Os processos de interiorização e institucionalização estão nas suas mãos. Os brâmanes ocupam-se da boa e da má consciência, a ponto de serem eles quem ministram esses sentimentos; os xátrias ministram os castigos, e os vaixás as recompensas = benefícios-custos. Controlam-se uns aos outros e, acima de tudo, controlam os sudras-povo, grupo de párias-marginalizados que constituem um alvo particularmente vulnerável do exercício que aqueles fazem do poder e do modo como ministram as sanções. (GALTUNG. 2005, p. 64)

Violência estrutural acontece quando o ser humano não consegue satisfazer suas necessidades básicas, como comer, ter saúde ou acesso a ela, proteger-se do frio e calor intenso. Na sociedade atual pode-se acrescentar, educação, moradia e saneamento básico, trabalho, entre outras. Praticada por órgãos governamentais, a violência estrutural atinge diretamente a população. Apesar de abordada por jornais, ainda assim não é tão interessante e espetacularizada quanto à direta.

A violência direta é a violência física, visível, um ato direto contra alguém que será atingido fisicamente. Ela pode ser individual ou coletiva, em grandes confrontos busca o enfraquecimento ou a eliminação do outro. Por causar consequências

imediatas e visíveis é a forma de violência mais conhecida e atrativa. As relações entre as partes envolvidas na violência direta também são mais fáceis de compreender. Se tem um culpado, o praticante do ato; uma vítima, que sofreu o ato; e uma motivação para o ato ocorrer (GALTUNG, 2005).

Portanto, quando falamos de violência nos conflitos, nos referimos à forma direta, apesar dessa estar contida na estrutural e na cultural. As guerras são exemplos de violência direta que surgem do acúmulo de violência estrutural e/ou cultural e em seu decorrer as três formas de violência continuam ocorrendo.

2.2 Jornalismo de Guerra

Desde os primórdios da humanidade a guerra se fez presente. As histórias de países e estados estão recheadas de revoluções, revoltas e batalhas que alteraram ou decidiram o futuro daquele povo. Costumam ser vistas como necessárias e justas, a luta do bem contra o mal, em qual lado cada parte está, depende da perspectiva. Mas fato concreto, são as inúmeras perdas que não retornam para a vida quando a guerra acaba.

De acordo com o Dicionário de Relações Internacionais (2008:168), a guerra foi há muito tempo considerada como uma virtualidade permanente e inevitável do funcionamento da sociedade. Na sua acepção mais corrente, é uma relação que implica o uso da força armada entre dois Estados ou quaisquer outras unidades políticas internacionais. A guerra aparece como um fenômeno cada vez mais contestado, a suscitar muitas iniciativas que lhe limitem os efeitos e a tornem mesmo impossível. (PACHECO. 2014, p. 25).

Na perspectiva de observar fatos e depoimentos é onde entra o Jornalismo, como referido anteriormente, ao reconstruir um fato cada repórter tem um recorte específico. A cobertura de guerra desenvolveu-se ao longo dos anos, assim como os conflitos, passando pelos vários formatos jornalísticos, impresso, rádio, televisual e virtual.

As guerras não são algo novo na história da humanidade. O armamento, a motivação, a estratégia, os objetivos têm mudado muito, mas elas existem há milhares de anos. É evidente que navios a remo e muralhas de pedra não funcionam mais para atacar ou defender cidades, como na Guerra do Peloponeso, na Grécia Antiga: conflitos recentes, como a Guerra do Golfo, contaram com

armamento sofisticado e a mais moderna tecnologia da informação.
(MAGNOLI. 2006, p. 7)

Fazendo uma retrospectiva histórica, vamos falar brevemente de seis grandes e impactantes guerras, em ordem cronológica, começando pela Guerra do Paraguai, passando pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Guerra do Vietnã e, finalizando, com as guerras no Oriente Médio, sempre relacionando com a cobertura jornalística efetuada naquele momento.

Começemos com a Guerra do Paraguai, que se deu em 1866, além do país já referido envolveram-se no conflito Brasil, Argentina e Uruguai, agindo pela primeira vez com interesses em comum. O Paraguai era o país de maior potência da América Latina e independia dos governos europeus economicamente, no entanto as ambições expansionistas do ditador Solano Lopez geraram tensão entre os países vizinhos.

A fim de ter total apoio do Uruguai, o Brasil invadiu suas terras para ajudar os colorados no conflito interno contra os blancos. O Paraguai invadiu então o Mato Grosso do Sul. Com a conquista no Uruguai, o governo brasileiro declarou guerra. A Inglaterra apoiou os três países durante todo o conflito. Segundo alguns historiadores o país europeu teria interesses econômicos que eram ameaçados pelo Paraguai.

Guerra do Paraguai foi o conflito internacional de maior duração e, possivelmente, o mais mortífero travado na América do Sul. Teve características inéditas, quer devido às condições geográficas do território paraguaio, onde ocorreram os combates a partir de 1866 [...] (DORATIOTO. 2006, p. 253)

A imprensa brasileira fez a cobertura da guerra pelos jornais impressos populares na época. E, além de informar os acontecimentos dos fronts de guerra, também comunicava as denúncias e desejos da população. Os jornais divididos em liberais e conservadores, em dado momento, trabalharam juntos pedindo a paz.

A imprensa foi farta em noticiar e analisar todos os aspectos que envolviam a Guerra do Paraguai. Recrutamento forçado, charges sobre a convocação de pessoas doentes e de velhos raquíticos, grandes negociatas, arbitrariedades de toda a sorte e até mesmo críticas a comandantes, na condução da luta, eram assuntos constantes nos jornais da época. (PASCAL. 2007, p. 1)

Anos depois, o mundo se encontraria em conflito, a Primeira Guerra Mundial teve início em 28 de junho de 1914. Relações conflituosas já pairavam sobre a Europa, a unificação da Alemanha e da Itália, e as hostilidades provocadas pela Guerra da Criméia desestabilizaram totalmente o ambiente (DORATIOTO, 2006). Mas o ato decisivo para início da guerra foi o assassinato do sucessor da monarquia Austro-Húngara. “Dos dois lados, todos — militares, intelectuais, imprensa, o povo nas ruas — queriam, pediam a guerra. Todos pensavam que ela seria curta e gloriosa” (DORATIOTO, 2006).

“A Grande Guerra alastrou-se por 28 países, entre eles o Brasil, e além de operações terrestres, envolveu operações navais e aéreas” (DORATIOTO, 2006). Foram quatro anos de conflito até o tratado de Versalhes. A maior prejudicada com a guerra foi a Alemanha, o que conflita posteriormente no segundo embate entre nações. Naquela época, a imprensa ainda restringia-se ao jornal impresso, mas já dispunha do recurso fotográfico. De acordo com Aline Andrade Pereira (s.d.), o jornalismo tinha passado, recentemente, pela reformulação que o tornou industrial. Com isso as capas dos jornais eram repletas de anúncios, não notícias. Mas no interior dos periódicos foi noticiado o assassinato que mobilizaria o mundo.

Os jornais explorarão detalhes emocionais da tragédia, como o fato de ser corrente a sucessão de desgraças acontecidas ao clã dos Habsburgos ou a origem pouco nobre da princesa assassinada. Porém, não se deixa de lado o conteúdo étnico e político do atentado, tendo em vista as diversas etnias constituintes das nações envolvidas inicialmente no conflito (Império Austro-Húngaro e Sérvia). (PEREIRA. s.d., p. 3)

Aos poucos, os jornais foram percebendo a importância do conflito que se desenhava. Os anúncios foram dando lugar a pequenas chamadas e, depois de instaurada a guerra, grandes manchetes. Os jornais brasileiros contavam com as agências de notícias locais para receber informações, através de telegramas (PEREIRA, s.d.).

Antes de cada seção Telegramas há uma matéria introdutória e um resumo das notícias através dos inúmeros títulos. Também antes de cada telegrama há um título resumindo o conteúdo. Pode-se dizer que a guerra propicia esta organização. É também com a guerra que se vê um maior número de fotografias. Alguns jornais darão duas

edições diárias, como é o caso do Jornal do Brasil. (PEREIRA. s.d., p. 06)

A repressão sofrida pela Alemanha estourou anos depois na Segunda Guerra Mundial. Com a chegada de Adolf Hitler, o país passou a reforçar seu exército secretamente. Usando o slogan “Alemanha Desperta” começou seu plano de recuperar territórios perdidos na Primeira Guerra e anexar outros. “Para a ideologia nazista, os alemães, por serem uma raça superior, tinham o direito de conquistar o ‘espaço vital’ (*Lebensraum*) destinado a acomodar os germânicos.” (TOTA, 2006). A invasão da Grã-Bretanha e União Soviética levaram a uma aliança contra os nazistas que acrescentava os Estados Unidos, atacado pelo Japão com apoio da Alemanha.

Na época, o rádio já era um recurso possível e bastante utilizado, foi a mídia mais influente no período. Além de informar, também fazia a comunicação entre frentes de guerra e divulgava mensagens manipulando a população para um lado ou para outro. Hitler utilizou-se, com maestria, do rádio para disseminar sua ideologia nazista, agregando e fidelizando alemães na causa expansionista e no extermínio dos judeus.

A rápida chegada dos correspondentes de guerra que trabalhavam para jornais e revistas demonstrava a maior facilidade do meio escrito para cobrir as notícias em comparação com os demais meios. Depois da escrita, o segundo melhor meio de comunicação para a transmissão das notícias do front era o rádio. (BIAGI. 2001, p. 23)

O ditador nazista já fazia do rádio um meio de propaganda das suas idealizações, com o início da Guerra as transmissões se intensificaram. Os aliados passaram a aderir a técnica, os Estados Unidos transmitia a Voz da América, a BBC de Londres também produzia material para o continente americano e o Brasil criou o próprio rádiojornal, Repórter Esso, de credibilidade incontestável (OBSERVATÓRIO, 2009).

Apesar da intensa participação da imprensa, essa era uma época de censura no Brasil. A guerra, além de abrir as portas para o jornalismo, também explicitou o que a comunicação de massa pôde fazer. Mais do que um informativo, analisando o conteúdo trazido pelo Observatório de Imprensa, o jornalismo assumia também o papel de prestador de serviços, mobilizando a população em diversas campanhas e engajando o mundo na luta. “A partir da entrada do Brasil no conflito, a mídia

promoveu diversas campanhas de mobilização da população para o esforço de guerra” (OBSERVATÓRIO, 2009).

No conflito bélico que exterminou mais de 70 milhões de pessoas, entre soldados e civis, uma arma foi capaz de efeitos revolucionários sem derramar uma gota de sangue: a mídia. Os diversos avanços tecnológicos permitiram que o potencial dos veículos de comunicação fosse plenamente explorado. Da manchete de jornal às ondas do rádio, dos acordes musicais à fotografia, das imagens em movimento projetadas em uma sala de cinema às histórias em quadrinhos vendidos nas bancas de jornais. Todos os recursos foram convocados para a luta. (OBSERVATÓRIO da Imprensa, 2009)

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a luta dos Estados Unidos passou a ser contra o comunismo. O regime adotado pela União Soviética, comandado pelo ditador Stalin, ameaça a potência capitalista norte-americana de Truman. O país europeu não se intimidou com a grande potência bélica dos Estados Unidos e manteve-se firme em seu território. A Guerra Fria, iniciada em 1945, foi mais uma exibição de forças, espionagem, do que um embate direto.

As notícias da Guerra Fria chegavam ao Brasil enviadas pelas agências de notícia. Com impacto da guerra ainda presente na população, mesmo tratando-se de um conteúdo externo, tinha grande visibilidade no país, ganhando, muitas vezes, espaços valorosos nas capas dos jornais. (REICHEL, 2004)

As notícias internacionais sobre esses acontecimentos eram abundantes na grande imprensa. O público leitor acostumara-se a acompanhar, diariamente, o andamento da Segunda Guerra, e, terminado o conflito, permanecera interessado em conhecer o que ocorria no resto do mundo e em obter informações que dissessem respeito, principalmente, às potências vencedoras e à condução que estas davam ao período pós-guerra. (REICHEL, 2004, p. 196)

A guerra estendeu-se ao Vietnã, que estava dividido em norte e sul. No norte, o regime comunista comandava, no sul, a ditadura militar. Ainda em plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética apoiavam regimes opostos. O Vietnã deveria ser reunificado, no entanto, o governo do Norte alegou que seria impossível fazer eleições diretas naquele momento. A partir de então, os conflitos começaram e a chegada do exército norte-americano na Indochina só deixou o confronto mais sangrento.

Em toda a guerra, os Estados Unidos perderam 58 mil homens no Vietnã e o exército do Vietnã do Sul, quase 225 mil. O Vietnã do Norte e o Vietcong perderam, em conjunto, algo em torno de 1,1 milhão de combatentes. Mesmo suportando baixas numa proporção de quatro para um, o Vietnã do Norte e seus aliados do Vietcong venceram a guerra e reunificaram o Vietnã. (MAGNOLI. 2006, p. 405)

A Guerra do Vietnã foi um grande espetáculo para a imprensa, o Estados Unidos chegou a enviar, junto com suas tropas, repórteres correspondentes que teriam total proteção para cobrir a guerra. É claro que essa dependência do agente que os estava levando, interferia diretamente na condução e abordagem das matérias.

No Vietnã, travou-se a primeira guerra da “era da informação” e as câmeras, os fotógrafos e os repórteres praticamente não encontraram restrições na cobertura das batalhas. O retorno de corpos de soldados americanos mortos, os confrontos urbanos do Tet, a matança incessante nas selvas, o massacre de civis inocentes foram transmitidos pela TV, reproduzidos em fotos, narrados em reportagens. A publicidade recebida pelas investigações do massacre de My Lai deveu-se à ação de uma imprensa livre e vibrante. (MAGNOLI. 2006, p. 405)

O jornalista José Hamilton Ribeiro foi enviado pela revista Realidade para a cobertura do massacre. Em uma última saída com as tropas norte-americanas, a fim de dar ao seu fotógrafo mais uma chance de uma foto perfeita, José perdeu a perna com a explosão de uma mina. Conta a sua história e também a da guerra no livro de sua autoria, “O gosto da guerra”.

Falando em guerra na atualidade, nos remetemos aos conflitos do Oriente Médio. O início das divergências se deu pelo movimento sionista dos judeus, que buscavam a terra prometida, invadindo assim a Palestina que já era habitada pelos árabes. Com a pressão para a criação de um Estado judeu, depois da Segunda Guerra, foi fundado Israel. A situação causou tensão e inúmeros conflitos entre israelenses e palestinos, fato que mais tarde originou a Guerra de Seis Dias, em que Israel tomou parte do Egito, da Jordania e da Síria.

O colapso da União Soviética, em 1990-1991, deixou os Estados Unidos como única superpotência mundial, o que lhes permitiu dar as cartas na região. A invasão do Iraque por uma coalizão liderada pelos americanos, em 1991, abriu caminho para a formulação dos Acordos de Oslo, uma frágil paz entre israelenses e palestinos. Israel estabeleceu tratados de paz com o Egito e a Jordânia mas a

incapacidade política das lideranças palestinas e israelenses desencadeou, já em 2000, nova guerra civil. Na outra ponta, a presença americana na Arábia Saudita desatou forte reação árabe contra os americanos, que tem relação direta com os ataques terroristas a Nova York e Washington em 11 de setembro de 2001. (CAMARGO. 2006, p. 426)

A Guerra interminável entre Israel e Palestina segue atuante, estabelece trégua por alguns anos e retoma os confrontos tempos depois. Outro problema da região são os grupos terroristas instalados nos territórios de conflito que acabam por crescer violência e horror.

Para Guedes, Dias e Souza, a imprensa tende a estigmatizar a população árabe como terrorista, pessoas violentas que lutam por gostar e esquecem de relacionar toda questão histórica que envolve uma região muito explorada por grandes potências.

Em Palestina: uma nação ocupada, Joe Saco afirma que há tempos se sabe que a notícia propriamente dita se transformou em um simples produto mercadológico. A pressa em se noticiar em primeira mão e a rápida aceitação do público e do patrocinador transformam os acontecimentos em atrativos publicitários, em cenas sensacionalistas que atraem o telespectador não pela informação, mas pela emoção. (GUEDES, João Victor, et al. 2011 p. 7)

Ainda no Oriente Médio, os conflitos não se configuram só entre Israel e Palestina. Em 2011 surgiu um movimento de levante chamado “Primavera Árabe”, os manifestantes exigiam a queda dos ditadores e a instauração da democracia. Para Guedes (2011), na verdade, os povos árabes queriam mais que isso, a economia defasada era um dos principais motivos para as reações populares. Contudo, as manifestações tornaram-se uma ameaça aos ditadores árabes que contra-atacaram de forma violenta. A Tunísia foi o primeiro país a atingir seus objetivos. No entanto, a Síria segue em guerra civil até hoje.

Os árabes continuam sendo manchetes de jornais. Os recentes protestos contra ditadores que, em suma, foram verdadeiros aliados do Ocidente, demonstram que eles não estão aquém do “passado”. A democracia com chances de alcançar os desertos que no passado foram palcos de peregrinações em busca de água e comida e que hoje são verdadeiros cenários de riqueza e prosperidade através do ouro negro escondido por baixo de areias milenares. (GUEDES, et al. 2011, p. 2)

De certa forma, embora muita coisa tenha mudado, guerra e jornalismo continuam em relação mútua. A guerra traz ao jornalismo uma imensidão de conteúdo a ser abordado, é trágico, atinge grande número de pessoas, comove e aumenta a audiência. E o jornalismo dá a guerra o aval da população para que se inicie o conflito e justifica a necessidade de confronto através das matérias veiculadas.

Na dissertação de Marta Pacheco, “A cobertura de conflitos internacionais na imprensa popular portuguesa: o caso da guerra na Síria no Correio da Manhã”, a autora explica que o jornalismo joga com as informações ao que lhe convém. “Os meios de comunicação contam com poder suficiente para numa guerra dar a cara ao que mais convém ou interessa, tanto a nível político como económico”, (PACHECO, 2014).

Nessa situação, o objeto de estudo desta pesquisa é amplo, pois aborda a questão política de três países dentro uma guerra civil. A guerra na Síria tem interferência direta dos Estados Unidos da América e da Rússia, em lados opostos, demonstrando ainda resquícios da Guerra Fria. Além da contribuição de grupos terroristas *jihadistas*, como a Al-Qeada e o Estado Islâmico, para aumentar o terror.

3 CORRESPONDENTE INTERNACIONAL

Para alguns autores, o jornalismo nasceu local, para outros, internacional. Agnez (2014) faz um contraponto entre as opiniões de Los Monteros (1998) e Natali (2004). Los Monteros defende que o jornalismo teria nascido a partir de demandas locais da população e não havia interesse no internacional, porque ainda não existiam formas de apuração à distância.

Natali, em contraponto, acredita que o jornalismo veio do internacional desde o mercantilismo, quando “grupos mercantis dos Países Baixos que trocavam informações com regiões com as quais comercializavam” (AGNEZ, 2014). Com isso, Natali (2004) contesta também a versão de que o jornalismo internacional teria iniciado com o capitalismo.

Independente de como nasceu, chegou um momento em que a necessidade de veicular informações para além das fronteiras, fez com que os veículos jornalísticos criassem o cargo de correspondente internacional. É um profissional do jornalismo que se estabelece em outro país, a fim de fazer a cobertura de determinada região para o país de origem. É contratado por um veículo de comunicação e suas matérias, geralmente, abastecem a editoria internacional. Esse profissional passa a morar no país ao qual é destinado, aprendendo a cultura, política e economia do local. Agnez (2012) define o correspondente internacional da seguinte forma:

O correspondente internacional é o profissional que se estabelece em diversas partes do mundo e mantém abastecida a rede de informações formada pelas agências de notícias. [...] cabe compreender que os meios de comunicação de maior porte, especialmente impressos e TV, quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica, também investem nessa atividade jornalística com profissionais próprios, não dependendo exclusivamente dos conteúdos fornecidos pelas agências internacionais. (AGNEZ, 2012, p. 2)

A autora ainda acrescenta que o correspondente deve ser especializado em todas as editorias, pois a editoria de internacional engloba todos os assuntos. O profissional mais próximo do local dos acontecimentos tem a responsabilidade de cobrir, seja de política, economia, cultura ou qualquer outra editoria, por isso o correspondente precisa ser versátil. Ele se insere no país adaptando-se e conhecendo a cultura, os hábitos e o idioma. Mas não pode perder a característica

do “olhar estrangeiro”, retratar aquele lugar aos olhos de alguém que não pertence a ele, contando suas particularidades e diferenças.

[...] apesar de toda essa imersão na cultura e nos hábitos da localidade onde vive, não deve perder o referencial do seu próprio país e nem mesmo o olhar estrangeiro, capaz de observar os fatos numa perspectiva mais conjuntural e menos interna. (AGNEZ, 2012, p. 3)

No caso dos correspondentes brasileiros, ao redigir uma notícia devem levar em consideração as características que a população, a qual se dirigem, precisa ou gostaria de saber. Caso o ocorrido possa afetar de alguma forma o país, deve ser explicado como e quando isso acontece. Saber por que aquela notícia está sendo levada até o Brasil e quais as reações que ela pode causar aos receptores.

Para aproximar o leitor brasileiro de um acontecimento extremamente distante é necessário utilizar de alguns símbolos de linguagem e também de muita descrição. “Máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa” (UTZERI, 1989 apud AGNEZ, 2012 p. 3).

Na rotina profissional o correspondente internacional tem seu ônus e bônus. Um dos ganhos é a liberdade que a maioria possui por trabalhar em casa, são raras as empresas que disponibilizam de escritórios fora do país. Assim o correspondente decide seu horário de trabalho e a forma como deseja construir as matérias. Mas também tem a responsabilidade de selecionar o que merece ser retratado e cumpre todas as funções sozinho. A ajuda do editor a quilômetros de distância, muitas vezes, com horários de trabalho distintos, pode tornar-se inviável, responsabilizando o profissional por todos os estágios de produção. (AGNEZ, 2012).

O tempo é outro fator importante da rotina do correspondente, alguns fusos horários alteram a produção de notícias, pois o fechamento do jornal pode fazer com que uma matéria esteja pronta com quase um dia de antecedência. Outro fator complicado é a instalação, principalmente quando é um novo local de cobertura para o veículo. Fica a cargo do correspondente, além de se habituar ao novo país, encontrar fontes, saber os caminhos e acessos às informações. (ADGHIRNI, 2013). O correspondente internacional Samy Adghirni em entrevista à Zélia Leal Adghirni (2013) contou a experiência e dificuldades de ser o primeiro, e na época único, jornalista brasileiro no Irã.

A primeira é de ordem logística e material. Instalar-se e equipar-se na nova base exige paciência e senso prático. A segunda é operar num ambiente estranho e às vezes hostil, como em países com governos autoritários. Acostumar-se com o novo contexto legal, cultural, social e político leva tempo. A terceira dificuldade é achar fontes e contatos. Quando se trata de simples troca de correspondente, quem sai ajuda quem chega com uma listinha de contatos e dicas – na prática, isso nem sempre funciona. A quarta é achar uma velocidade de cruzeiro para a rotina produtiva – contato com o jornal, gestão de fuso horário, agilidade para conciliar coberturas factuais e reportagens especiais etc. (ADGHIRNI apud ADGHIRNI, 2012, p. 44)

Luciane Fassarella Agnez (2012) e Zelia Leal Adghirni (2013) entrevistaram vários correspondentes pesquisando suas rotinas e opiniões sobre a profissão. Agnez (2012) dividiu-os em dois grupos, os que foram correspondentes na década de 70 e os correspondentes a partir do ano 2000. A separação dos grupos em duas épocas se dá pelas mudanças ocorridas na profissão. Ser correspondente internacional era tido como uma recompensa ou grande promoção. Os jornalistas nomeados a cumprir tal tarefa eram experientes repórteres, que dominavam outras línguas e então passavam a exercer esse lugar de “prestígio” dentro do jornalismo (AGNEZ, 2012).

A década de 1970 é considerada a fase de ouro do jornalismo internacional brasileiro. Em meio à ditadura militar, quando pouco se podia noticiar sobre o que acontecia no país, as informações de outras regiões ganhavam ainda mais destaque. Além disso, foi o período em que o país mais manteve correspondentes no exterior, que tinham mais do que a missão de reportar os fatos, mas, sobretudo, de atuar como comentaristas, estabelecendo análises conjecturais. (AGNEZ, 2014, p. 130)

Os próprios correspondentes da época comentam as características que levariam em consideração na hora de selecionar um correspondente. A experiência em reportagens é a primeira e a mais citada, pois antes de qualquer coisa é assim que se consideram, repórteres. Em seguida vem o domínio da língua predominante no país em que irá se inserir, caso o idioma seja menos comum, exige-se o inglês. E alguns correspondentes ressaltaram a capacidade de assimilação da ambiência, contexto político e cultural em que aquela nação se constitui (ADGHIRNI, 2013).

Com tantos pré-requisitos, o cargo de correspondente internacional, pode mesmo ser visto como uma posição superior na carreira. Mas esses profissionais altamente qualificados e com grande experiência acabaram tornando-se caros aos

veículos e o perfil da profissão começou a mudar. No grupo de correspondentes a partir dos anos 2000, a autora constatou que os jornalistas assumiram o cargo mais cedo e permaneceram menos tempo em um mesmo local (AGNEZ; MOURA, 2016).

O jornalista polonês, Ryszard Kapuscinski, é um dos mais legítimos representantes dessa espécie de narrador privilegiado da história. Ele utiliza o “Pai da História” para narrar suas primeiras experiências de viagem como repórter no livro *Minhas viagens com Heródoto: entre a história e o jornalismo* (2004). [...] Assim como o jornalista polonês, os correspondentes de hoje também, muitas vezes, são jogados no mundo sem qualquer conhecimento prévio da realidade que os aguarda. Na maioria das vezes, desconhecem língua e cultura dos países onde se desenrolam os fatos que devem cobrir. (ADGHIRNI, 2013, p. 41)

No trecho acima percebe-se que Adghirni (2013) continua vendo o correspondente como uma “espécie de narrador privilegiado”. Opinião considerada ultrapassada por Agnez (2012), quando coloca a visão dos novos, e ainda atuantes, correspondentes internacionais. Na mesma citação Adghirni ressalta o despreparo dos profissionais de hoje em dia, o que acaba demonstrando certa contestação da autora em relação às novas práticas do fazer internacional.

Esses profissionais mais jovens não se consideram prestigiados por estar exercendo tal função, dizem fazer o mesmo que fariam no Brasil, mas em um local diferente e com menos suporte. Uma nova problemática surgiu com o advento da internet, os correspondentes acabaram por acumular mais funções. Agora eles devem ser multimídia, e como continuam realizar todas as etapas por si, tendem a trabalhar mais e mais rápido (AGNEZ; MOURA, 2016). O que para alguns autores pode ser um problema para a qualidade da informação publicada.

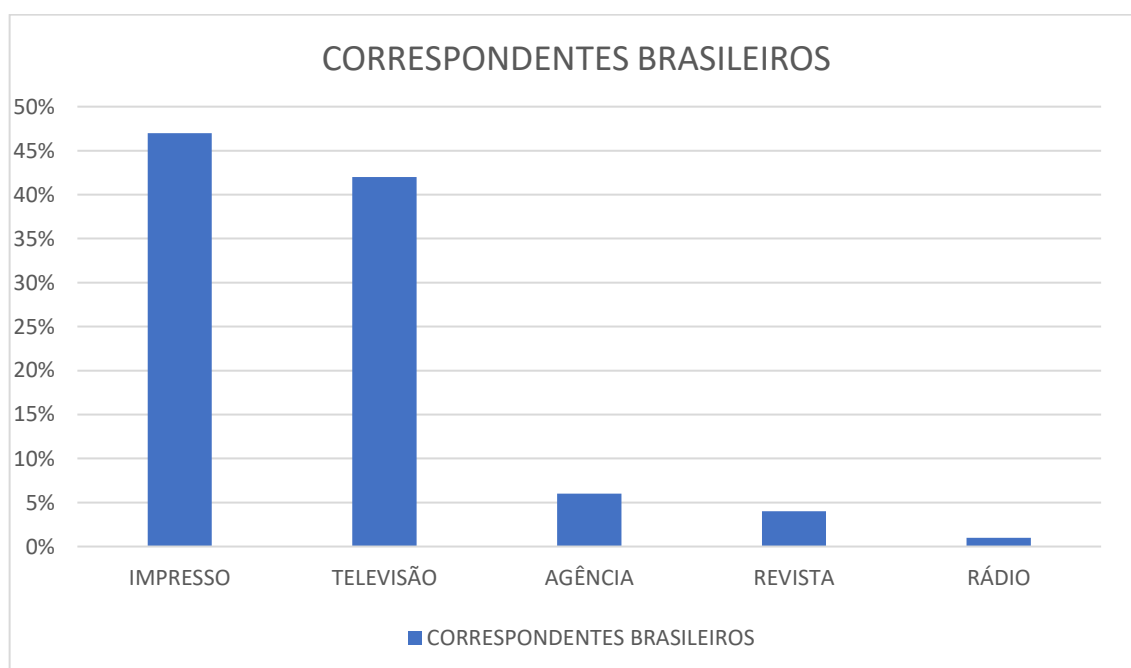
No final do século XX, a acelerada evolução das tecnologias da comunicação permitiu a este profissional maior mobilidade e também um acúmulo maior de funções, como a do “profissional multimídia”, que produz um número maior de informações para mais plataformas, levando a uma possível precarização da atividade (Kischinhevsky, 2009). (AGNEZ; MOURA, 2016, p. 89)

De acordo com Agnez (2012), os cargos de correspondente internacional se concentram em maior número na televisão no meio impresso, cenário que pode ser visualizado no Gráfico 1, que apresenta a porcentagem em cada formato jornalístico de acordo com os dados apresentados pela autora. A TV Record era quem mais

investia na profissão inicialmente, o que acabou pressionando emissoras maiores, como a Globo, a enviar correspondentes para locais em que não fazia cobertura. No jornal impresso o protagonismo varia entre O Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo.

No início de 2009, a TV Globo colocou correspondentes no Japão, na África do Sul e em Portugal, motivada pela concorrência da TV Record, que já possuía profissionais nesses locais. Os jornais brasileiros de maior porte (O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo), detentores também das principais agências nacionais (Agência Globo, Folhapress e Agência Estado), apesar de ainda concentrarem a maior parte da cobertura internacional em regiões como a América do Norte, América do Sul e Europa, nos últimos anos têm investido em profissionais em regiões como China, África e Oriente Médio. (AGNEZ, 2012, p. 9)

Gráfico 1 Correspondentes brasileiros



Fonte: Pesquisa de Luciane Fassarella Agnez, 2012.

O cargo de correspondente internacional ficou ameaçado por novas formas de cobertura internacional, que veremos mais à frente neste capítulo. Mas Adghirni (2013) defende a necessidade da cobertura realizada pelo correspondente utilizando afirmação de Adelmo Genro Filho (1987), que tem a singularidade como a cristalização do jornalismo. Adelmo baseia-se nas obras de Lukács e Hegel que apresentam uma categorização do conhecimento em singular, particular e universal.

O autor usa o ser humano como exemplo para especificar o conceito de cada categoria. O sujeito, homem, seria o singular, composto por diversas fragmentações do universal e do particular unidas de uma única forma, o que o diferencia de todos os outros. O particular seria a espécie humana, comum a todos os indivíduos, contudo diferentes de outras espécies, também poderia ser a família, a profissão, a nação. E o universal contempla tudo, como o próprio nome sugere, é o universo (GENRO FILHO, 1987).

Assim, o critério jornalístico de uma informação está indissoluvelmente ligada à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineadas ou insinuadas pela subjetividade do jornalista. O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são negados em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo. (GENRO FILHO, 1987)

Voltando à referência de Adghirni (2013), de que o olhar do jornalista é singular, o que explicita a sua importância *in loco* na cobertura internacional, podemos ampliar para o âmbito do particular. Todo sujeito é singular, portanto irá reconstruir os fatos de acordo sua subjetividade inegável, o que diferencia o correspondente para os repórteres daquele país, ou de o profissional de um veículo para os de agências de notícia, seria a sua construção no particular.

Afinal, como já colocado neste capítulo, a missão do correspondente é realizar a cobertura com o olhar de seu país de origem, aproximando o máximo possível a informação de seus receptores e explicando o contexto particular, desconhecido por seus conterrâneos, do país em que está inserido. Da mesma forma ocorre com os veículos, cada um tem sua especificidade e forma de retratar a informação, o que os torna únicos.

As memórias de Joel Silveira como correspondente de guerra junto aos soldados brasileiros na Itália são um exemplo fundamental para justificar nossa visão de que o olhar do correspondente é singular. Não apenas modifica o sentido da notícia como modifica o próprio jornalista – ‘Fiquei 20 anos mais velho’, disse Silveira, a Geneton Moraes, no documentário para a Globo News, ‘Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças’. (ADGHIRNI, 2013, p. 38)

Mas Adghirni (2012) também aborda o pensamento utópico dos correspondentes, que se imaginam como uma “testemunha ocular da História”. Principalmente em coberturas de conflitos, envolvendo muitas mortes, tragédias e, geralmente, traçando um novo rumo na história dos povos envolvidos. Borges (2005), liga a história da correspondência de guerra com a da literatura e das próprias guerras.

Em si, é impossível desvincular essas três vertentes. Grandes batalhas foram transformadas em livros épicos (lidos até hoje) numa tentativa de esclarecer para um povo o desenrolar e as consequências de uma guerra. (BORGES, 2005 p.9)

Borges (2005) aborda a situação hostil dos correspondentes em situação de conflito. O que, para a autora, coloca em dúvida a suposta “verdade” retratada pela cobertura jornalística. Pois o jornalista, acima de tudo, é um ser humano, singular, com valores e medos. Além disso, seguem as regras dos veículos para os quais trabalham, que vez ou outra censuram, direcionam e modificam suas matérias.

O que encaramos, então, é uma nova forma de ação jornalística ou uma nova especialidade da comunicação. A necessidade e até mesmo a obrigação social de cobrir os conflitos forçam os repórteres a se submeterem às regras impostas pelas forças militares. O que há entre essas duas esferas de poder é um embate silencioso, que tem como principal vítima o público que confia no jornalismo e acredita receber dele a verdade dos acontecimentos do *front*. (BORGES, 2005, p. 10)

Essa posição pode ser exemplificada pela “abertura” da Guerra do Vietnã à imprensa mundial. No livro “O Gosto da Guerra”, de José Hamilton Ribeiro, é possível perceber a proximidade dos repórteres com os soldados norte-americanos. Estavam sempre por perto para assegurar a “proteção” dos jornalistas. A iniciativa dos Estados Unidos de levar inúmeros repórteres para o front de batalha, cobrindo todas as suas ações, ajudou a criar o estereótipo de herói dos soldados norte-americanos. Uma verdadeira luta do bem contra o mal, em que o outro lado raramente era ouvido.

Outra situação a se considerar era a subjetivação dos jornalistas devido à aproximação dos soldados. A convivência diária com o exército norte-americano pode ter criado uma espécie de empatia por parte da imprensa, o que certamente afeta a cobertura. Mesmo que, muitas vezes, horrorizem-se com as atrocidades

presenciados, como o próprio José Hamilton, quando conta que para os soldados tudo que se mexia em campo era um vietcong.

3.1 Novas tendências de cobertura internacional

O correspondente não é o único profissional responsável pela cobertura internacional, existem várias outras funções com o mesmo objetivo. Elas tendem a ser alternativas ao modelo tradicional de correspondência, considerado um “luxo” insustentável por algumas empresas jornalísticas. Agnez (2014) relaciona sete novas tendências da cobertura internacional, utilizadas pelas mídias como alternativas para manter a cobertura no exterior.

Uma delas, muito confundida com a de correspondente, é o enviado especial. Um profissional com vínculo empregatício firmado a um veículo de informação do país de origem, que viaja ao estrangeiro para cobrir acontecimentos pontuais. Ele não se estabelece e passa a morar em outro país, apenas viaja para determinadas coberturas.

Logo de início, é importante fazer uma diferenciação clara entre o correspondente internacional, que é o profissional que fica instalado (residente) em outro país, e o enviado especial, que seria uma forma temporária de correspondente enviado para determinadas regiões para cobrir eventos ou fatos pontuais. (AGNEZ, 2012, p. 2)

Peres (2005) pesquisou o trabalho de enviados brasileiros e constatou que, muitas vezes, além da cobertura para qual foram destinados a realizar, eles retratavam outros assuntos contextuais do país. Os correspondentes entrevistados por Adghirni (2013) colocam isso como um problema a mais para os enviados, pois eles não estão inseridos no país, adaptados aos hábitos, política e cultura. Portanto, no contexto apresentado, estes procedimentos configuram-se em interferências que complicam o trabalho do jornalista e comprometem a cobertura.

No entanto, Agnez (2014) relaciona o cargo como uma das alternativas recorrentes dos veículos de comunicação, devido às menores despesas atribuídas a este profissional. Acrescenta que alguns autores definem o enviado especial de forma pejorativa, como “jornalista de paraquedas”, por identificarem o profissional como um “intruso menos experiente”. “No entanto, apontam um desenvolvimento mais positivo, uma alternativa para empresas de mídia que não podem pagar correspondentes em tempo integral” (AGNEZ, 2014).

Outra opção seriam os *foreign correspondents*, nativos que fazem a cobertura para outros países. Eles são ligados a veículos jornalísticos dos países para os quais enviam as matérias (AGNEZ, 2014). A autora cita uma pesquisa de Hamilton e Denis Wu, realizada em 2000, revelando que mais da metade dos correspondentes de veículos norte-americanos, eram de outros países. Mas no Brasil não acontece o mesmo.

Numa relação com a mídia brasileira, esse é um formato não muito comum. Uma hipótese pode ser a dificuldade de se encontrar pessoas de outras nacionalidades que dominem a língua portuguesa. Outro aspecto a ser considerado é o olhar sob o ponto de vista do leitor brasileiro, o que somente um jornalista também brasileiro poderia oferecer. Essa é a principal defesa que aparece entre os entrevistados por esta pesquisa e a bibliografia nacional levantada, para a manutenção do correspondente internacional, mas por que então tal modalidade de cobertura funcionaria em tão grande escala na mídia americana, por exemplo? (AGNEZ, 2014, p. 115)

Em terceiro lugar aparecem os *Local foreign correspondents*, jornalistas que não saem do seu país de origem para cobrir o estrangeiro. É o repórter que fala do mundo sem sair da redação. Ele utiliza-se de relatórios e informações fornecidas por outros veículos, conteúdos passados pela televisão e principalmente pela internet.

Apesar da aparente incoerência, segundo Hamilton (2009), essa tem sido cada vez mais uma alternativa para veículos locais inserirem informações sobre o mundo no conteúdo produzido. É o que Natali (2004) chama de RAC – Reportagens com Ajuda de Computador, ampliando o papel e a importância dos redatores para a editoria de internacional. (AGNEZ, 2014, p. 116)

O *Premium foreign correspondent* vem em seguida. É um profissional especializado em determinado assunto que vende “relatórios em profundidade”. A origem disso estaria na agência Reuters, que já no século XIX passou a oferecer esse tipo de informações para o mercado financeiro (AGNEZ, 2014). De uma forma parecida trabalham os *In-house foreign correspondents*, que selecionam informações jornalísticas específicas de certo “segmento de mercado” (AGNEZ, 2014).

[...]trabalho que estaria numa fronteira entre jornalismo, marketing e comunicação corporativa, um serviço hoje já mais popularizado, mas caracterizado como “não-mídia”²⁸, ou seja, entregue direto para o consumidor e não para publicação em algum veículo. (AGNEZ, 2014, p. 116)

Nessas novas tendências, o jornalismo local pode acabar entrando dentro do internacional. É como se fosse uma cobertura invertida, *Foreign local correspondents* são jornalistas de veículos locais que identificam um acontecimento como sendo de interesse internacional e realizam a cobertura pensando nisso. “[...] disponibilizam conteúdos (sobretudo pela internet) que podem ser assistidos de qualquer parte do mundo” (AGNEZ, 2014).

E a última tendência que seriam os *Citizen foreign correspondents*, pessoas comuns que registram acontecimentos e disponibilizam nas redes sociais. Situação já colocada por Agnez como jornalismo cidadão, no qual os autores não são profissionais do jornalismo, mas sim a população (AGNEZ, 2014). Essa categoria, muitas vezes, dispõe de imagens, áudios, vídeos, conteúdos inéditos por estar presente no momento da ocorrência do objeto a ser noticiado. Vale lembrar que isso só é possível pela evolução da tecnologia que equipou, com os smartphones, praticamente toda a sociedade.

[...] a variável mais “demonizada” pelos jornalistas profissionais, quando qualquer pessoa pode publicar notícias e imagens pela internet. Estes seriam “correspondentes casuais”, capazes de testemunhar e registrar fatos, cuja importância é elevada em situações onde o acesso de jornalistas é restrito, como em catástrofes naturais, atentados, conflitos e regiões de baixa liberdade para atuação da imprensa. (AGNEZ, 2014, p. 116)

Outras duas funções, também comentadas por Agnez (2014), mas não citadas entre as sete novas tendências são os freelancers e os stringers. Alternativas para cobrir acontecimentos importantes, mas pontuais. Freelancers, nesse contexto, são jornalistas que moram no exterior por vezes contratados para uma cobertura, mas não tem vínculo empregatício com o veículo, não se fixam a apenas uma empresa jornalística. Diferente disso são os stringers, que também não são funcionários de veículos, mas são caracterizados por uma relação mais longa com os contratantes, como um “freelancer fixo”.

Os freelancers e stringers compõem o que seria o setor informal dentro da carreira de correspondentes (HANNERZ, 2004) e muitos dos profissionais iniciam com essas funções até serem contratados como funcionários regulares. Os termos são frequentemente usados como sinônimos, ou pelo menos com muita sobreposição. Mas o termo stringer sugere relações um pouco mais de longo prazo com as organizações de mídia.” (AGNEZ, 2014, p. 112)

Nem todas as funções apresentadas neste sub-capítulo competem com a de correspondente internacional. A maioria é apenas mais uma forma de retratar o

exterior em diferentes segmentos. Talvez as maiores ameaças à profissão estejam no enviado especial e no *foreign correspondent*, pela proximidade de produção de conteúdo. Outra forma de cobertura internacional não citada aqui são as agências de notícia, pois essas desempenham uma função diferente do correspondente internacional.

3.2 Agências de notícias

De acordo com Pedro Aguiar (2009), as agências de notícias surgiram no século XIX, atendendo a demanda por informações específicas de algumas áreas, de forma privada. Mas as atividades iniciais das agências tiveram total ligação com o Estado, tanto que muitas delas eram estatais. Uma forma que governantes encontraram de controlar as informações que entravam e saíam do país (AGUIAR, 2016).

Não apenas as agências tornar-se-iam a voz e a vitrine de seus respectivos governos junto à mídia (e, indiretamente, à opinião pública) do resto do mundo, como ainda, domesticamente, exerceriam o controle do fluxo de informações estrangeiras para a imprensa local. (AGUIAR, 2016, p. 36)

O autor define como principal função das agências o “output”, exportação de notícias para veiculação em outros países, e o “input”, importação de notícias para a rede nacional. Raramente as agências detêm-se em produzir notícias para distribuição dentro do próprio país. Com a função de reportar notícias e vender para veículos no exterior, simplificou parte da cobertura internacional, disponibilizando informação fácil a um baixo custo. A praticidade dos meios levou as mídias a optarem pelos conteúdos das agências, aumentando a demanda. “Já em fins dos anos 70, o conteúdo internacional representava pelo menos metade da produção total da grande maioria das agências nacionais, tanto grandes quanto pequenas” (BOYD-BARRETT, 1980 apud AGUIAR, 2016).

Como se vê com Paterson (2006; 3), Boyd-Barrett & Rantanen (2002; 4) e Mattelart (1994; 28), a função elementar das agências de notícias é a importação e exportação de conteúdo jornalístico, especificamente aquele de origem internacional, além-fronteiras. A própria gênese das agências como serviços de informação financeira para bancos, investidores e capitalistas nas metrópoles europeias, no século XIX, evidencia esse papel e está ligada à noção de que o próprio “jornalismo nasceu internacional” (NATALI, 2004: 13). A demanda da produção de propriedade privada por informação nova

de origem estrangeira seria a razão-mestra por trás do surgimento do jornal, na época mercantil, e da agência, já na era do capital. (AGUIAR, 2009, p. 2)

No entanto, o mercado de agências brasileiras age diferente. Em contramão à lógica e à prática mundial do segmento, as agências de notícias brasileiras focam no país. Além do mais, o mercado não é fomentado pelas terras brasileiras (AGUIAR, 2009). Aguiar atribui o desinteresse pelo meio, no país a diminuição do jornalista de agência enquanto profissional, como uma inferiorização, por isso o trabalho não é estimulado, divulgado e nem ensinado.

Desta forma, a atribuição dos serviços de agências no Brasil resume-se à importação de informações fornecidas pelas agências estrangeiras, que ainda ocupam boa parte da editoria internacional no Brasil. “Na década de 1950, o material das agências correspondia a aproximadamente 90% do noticiário internacional publicado em jornais brasileiros”, (AGNEZ, 2014).

O surgimento das agências ofereceu uma opção de produção de informação muito mais prática aos jornais para noticiar locais aos quais os jornalistas não conseguiam chegar pela distância ou custo. As agências de notícias também passaram a ser uma alternativa aos veículos de comunicação para obtenção de informações credíveis de outros países.

As grandes agências de notícias, que surgiram em meados do século XIX, trabalham em conjunto com veículos de comunicação (especialmente o jornal impresso, mas também os meios audiovisuais) para abastecer a imprensa com fatos e imagens que ocorrem em diversas localidades. Com a crescente demanda globalizada, os próprios jornais, ou em iniciativas isoladas, ou em associação com outros grupos, também criaram agências próprias ou instalaram escritórios fora da sede do veículo. (AGNEZ, 2016, p. 120)

Poderia ser essa, mais uma forma de cobertura internacional que ameaça a profissão do correspondente internacional. Mas não é, embora tenham o mesmo nicho, trabalham com produtos diferentes. As agências de notícias cobrem o factual, de forma rápida e eficiente. Elas propagam a informação para o mundo em poucas horas, com toda a mídia necessária e depoimentos das fontes oficiais. No entanto, todos os veículos que desejarem comprar o conteúdo darão a mesma notícia.

Devido às particularidades do trabalho em agências de notícias, os diversos aspectos que devem ser levados em conta nesta análise comparativa são: o estilo do texto, a atitude em relação a fontes oficiais, a diversidade de idiomas, a tradução para idiomas regionais, a regularidade e a rapidez do serviço e a multiplicidade de suportes

do material enviado (texto, foto, áudio, vídeo, “pacotes”). Cada um destes aspectos envolve custos, limitações operacionais e relações políticas específicos que variam não só de região para região, mas de país para país. (AGUIAR, 2009, p. 9)

Por isso, nem os próprios correspondentes consideram as agências de notícias como “adversários” na profissão. Enquanto as agências cobrem o factual com maior velocidade, atendendo a necessidade do imediatismo de veicular a informação, os correspondentes focam no relato mais aprofundado e direcionado ao seu público. As fontes, dependendo da situação, podem tornar o relato produzido pelo correspondente mais humanizado, principalmente em situações que envolvam civis.

Para a jornalista, “é muito difícil para um único correspondente competir com a rapidez de agências de notícias como *Reuters* ou *Bloomberg*, que têm dezenas de profissionais em cada praça e farão um trabalho de melhor qualidade no relato imediato dos fatos. (ADGHIRNI, 2000, p. 47)

4. SÍRIA: UM PAÍS EM RUÍNAS

A Síria é um país localizado na Ásia Ocidental, mais especificamente na região do Oriente Médio, rodeada por Iraque, Jordânia, Israel, Turquia e Líbano. De acordo com os últimos dados do Banco Mundial², 2016, possui mais de 18 milhões de habitantes, três milhões a menos que em 2010, antes da guerra começar, ano no qual a população atingiu 21 milhões de habitantes.

O país tem uma das capitais mais antigas do mundo. De acordo com a reportagem, "A Síria antes da Guerra", do site Volta ao Mundo³, a metrópole tem mais de 2 mil anos. Com isso, tornou-se responsável por contar a história de vários povos que passaram por ela: "cananeus e filisteus, assírios e babilônios, egípcios e fenícios, gregos e romanos, persas e otomanos, franceses e ingleses" (COIMBRA, 2005). Coimbra descreveu damasco de forma poética, como uma capital que timidamente revela toda carga cultural que abriga.

[..] tudo o que víamos da mítica Damasco era um mar de pontos de luz amarelados denunciando o labirinto urbano, um mar aqui e ali retocado pelo verde fosforescente exalado pelos minaretes na sua inacabada subida ao firmamento. (COIMBRA, 2005).

Outra cidade síria conhecida e importante é Aleppo, a reportagem "Síria: antes e depois da guerra", do site do TSF Notícias⁴, conta sobre o local que abrigava mesquitas e igrejas, e era ponto turístico do país. A Cidade Antiga de Aleppo chegou a ser tombada como Patrimônio da Humanidade pela Unesco, mas hoje encontra-se devastada e em ruínas devido à guerra.

No entanto, as belezas do país escondiam uma economia frágil, responsável pelo sofrimento da população. De acordo com uma matéria da revista Exame⁵, o atual presidente sírio, Bashar al-Assad, começou seu governo levando esperanças à população quanto ao crescimento do país. O que, de fato aconteceu por um tempo, estabilidade econômica e controle da inflação. "Mas a pobreza voltou a subir na

² Dados do Banco Mundial. Disponível em: < <https://datos.bancomundial.org/pais/republica-arabe-siria> > Acesso em: 13 maio. 2018.

³ Síria antes da Guerra – site Volta ao Mundo. Disponível em: < <https://www.voltaaomundo.pt/2018/03/07/reportagem-especial-como-era-a-siria-antes-da-guerra/> > Acesso em: 16 mai. 2018.

⁴ Síria: antes e depois da guerra – site do TSF Notícias. Disponível em: < <https://www.tsf.pt/internacional/interior/siria-antes-e-depois-da-guerra-5266974.html> > Acesso em: 16 maio. 2018.

⁵ Matéria da Revista Exame. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/economia/siria-perdeu-metade-da-sua-economia-com-guerra-civil/> > Acesso em: 16 maio. 2018.

segunda metade da década, o nível de emprego não acompanhou o crescimento da população e a abertura política seguiu apenas como uma promessa” (CALEIRO, 2016).

Com a desestabilidade econômica e o decrescente desenvolvimento do país, a população síria também resolveu se levantar na Primavera Árabe, através de uma série de manifestações que dominou o mundo árabe em 2011. Alguns países obtiveram soluções mais rápidas aos seus conflitos e menos devastadoras. No entanto, a situação do país sírio já se alastra há mais de 7 anos e não tem previsão de término.

Os aclames por mudança misturados aos atos de violência voltaram os olhares do mundo para o país. Com isso, jornalistas de diversos veículos se estabeleceram no local e arredores para reportar a todos o que lá se passava. Neste capítulo falaremos de Primavera Árabe, guerra na Síria e as dificuldades de exercer a profissão de correspondente em meio aos conflitos.

4.1 Primavera Árabe

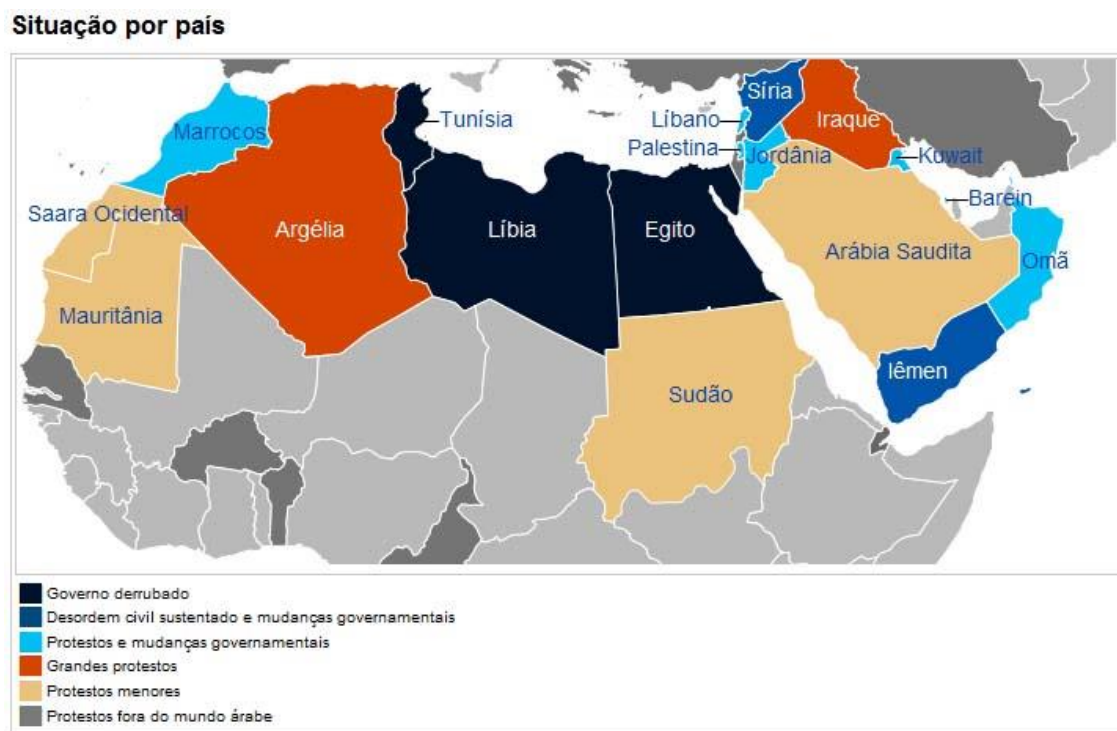
Uma onda de levantes e manifestações pairou sobre o mundo árabe em 2011, mas de acordo com os autores Leite (2012) e Bijos e Silva (2013), o fator motivacional que gerou tal estopim foi o suicídio de Mohammed Bouazizi, da Tunísia, que ateou fogo ao próprio corpo após ser impedido de vender legumes na rua. O jovem de 26 anos seria a representação da falta de perspectiva e apoio das juventudes árabes.

O movimento tem início cronológico marcado pelo ato desesperado de um jovem de 26 anos que, enquanto vendia legumes na rua, foi humilhado e impedido de realizar sua atividade, ateou fogo ao próprio corpo no dia 17 de dezembro de 2010, falecendo em 4 de janeiro de 2011. Tal fato desencadeou uma onda de protestos e manifestações contrárias aos regimes autoritários existentes na região do Oriente Médio. (LEITE. 2012, p. 48)

Conseqüentemente, a Tunísia foi o primeiro país a se levantar contra o regime autoritário vigente. Iniciou os protestos em janeiro de 2011, logo após a morte de Bouazizi. E poucos dias depois, em 14 de janeiro de 2011, depôs seu governante. A revolução rápida e efetiva que aconteceu na Tunísia inspirou outros países que passavam pela mesma situação (BIJOS; SILVA, 2013). Veja na Figura 1

os países que fizeram parte da Primavera Árabe⁶ e as consequências que atingiram cada um.

Figura 1 - Mapa dos países envolvidos na Primavera Árabe.



Fonte: Site Escola Educação ⁷

Bouazizi era mais um, em meio a tantos jovens árabes, que tinham suas ambições frustradas pelo regime autoritário e corrupto de seu país. Este ato de desespero e de total frustração desencadeou a revolução tunisiana, seguindo-se a uma série de revoluções que tomaram conta da maioria dos países árabes: Egito, Líbia, Síria, Iêmen, Omã, Jordânia. No dia 14 de janeiro de 2011, o presidente, da Tunísia, Zine El-Abidine Ben Ali deixou o poder, depois de vinte e três anos. (BIJOS; SILVA, p. 65)

Logo em seguida, em 25 de janeiro de 2011, o Egito iniciou uma revolta que não foi tão rápida quanto à da Tunísia. No entanto, teve fim em meados de 2012, o que não é realidade para a Síria, Líbia e Iêmen, que seguem em guerra civil. Para boa parte dos autores, Bijos e Silva (2013), Leite (2012) e Roche (2012), os jovens foram causa e principais autores dos movimentos. A precariedade, o desemprego e

⁶ Primavera Árabe é um termo midiático utilizado para se referir aos movimentos que aconteceram no Oriente Médio no ano de 2011. Utilizaremos esse termo ao longo do trabalho.

⁷Mapa dos países envolvidos na Primavera Árabe. Site Escola Educação. Disponível em: < <http://escolaeducacao.com.br/guerra-civil-na-siria/> > Acesso em: 15 fev. 2018.

a falta de desenvolvimento teriam motivado os jovens a deslumbrarem um novo mundo.

O espírito de contestação, que aparece hoje em relação à mentalidade oficial das classes dirigentes árabes, surge das condições miseráveis de vida material, do desemprego dos jovens, de decepções econômicas e políticas, da busca de um pensamento livre fora da estagnação oficial e, enfim, de um sentimento profundo de frustração e de revolta diante da política do Ocidente, aliado às ditaduras. (ROCHE, 2012, p. 48)

Um das características mais fortes das revoluções da primavera árabe foi a utilização das redes sociais como forma de mobilização, reivindicação e informação, principalmente no Egito. Tendo como frente e motivo a juventude, governantes autoritários tentaram impedir o acesso à rede, mas não conseguiram. Além de toda a organização dos protestos, o meio cibernético foi utilizado para denunciar a situação dos países ao restante do mundo.

A internet foi uma das chaves do sucesso dos protestos, o acesso às tecnologias com alcances globais proporcionou que a população egípcia se levantasse contra o seu governante. Uma página na rede social conhecida como Facebook foi criada com o nome “dia de fúria”, mostrando a importância da rede nos protestos. (BIJOS; SILVA. 2013, p. 7)

Aos poucos, as manifestações foram cessando, alguns países atingiram seus objetivos, outros desistiram ou foram pressionados a isso. Infelizmente, nem todos os desfechos foram pacíficos e alguns nem sequer aconteceram, como na Síria, que há sete anos está em guerra.

4.2 A primavera permanente na Síria

Desde que iniciaram os protestos na Síria, em 2011, o país vem sendo assolado por uma guerra civil devastadora, responsável pelo maior êxodo desde a Segunda Guerra Mundial, de acordo com a Organização das Nações Unidas, com 7,6 milhões de deslocados. Hoje contabiliza mais de 500 mil mortos, número que cresce a cada dia. Consequências de um conflito que conta com três frentes de combate: Forças leais a Assad, Exército Sírio Livre e grupos jihadistas, sendo os maiores o Estado Islâmico e a al-Qaeda.

A economia síria, quase totalmente gerida pelo Estado, foi liberalizada nos anos Bashar al-Assad. Foram eliminados alguns

subsídios e criados incentivos para o investimento estrangeiro. Em 2011, foram completados dois anos do início das operações da Bolsa de Valores de Damasco. Novos bancos privados foram abertos, e houve crescimento do setor. Existem, contudo, diversos fatores que comprometem a manutenção do crescimento econômico do país no longo prazo e que se relacionam fortemente com a conjuntura atual de manifestações no país. Entre eles estão a pressão demográfica, o aumento da demanda por energia e a dependência econômica das rendas geradas pela exportação de petróleo. (VISSENTINI, 2012, p. 65).

Como cita Vissentini (2012), inseguranças e divergências com a gestão de Assad foram os motivos que levaram os sírios às manifestações. A primeira cidade a levantar-se contra o governante foi Dara, que reivindicava o fim do estado de emergência, legalização dos partidos políticos e o fim da corrupção (VISSENTINI, 2012). Logo em seguida, Damasco e Aleppo aderiram aos protestos e com eles várias cidades do país.

Rapidamente, Assad tomou medidas de contenção para os manifestos, que acenderam ainda mais a revolta no país. “O Exército continha os manifestantes e tanques eram utilizados nas principais zonas de conflito, com o país caminhando para uma guerra civil” (VISSENTINI, 2012, p. 66). Ações políticas também foram realizadas com o intuito de amenizar a revolta, mas Assad não cogitou deixar o poder e acusou a comunidade internacional de apoiar os grupos rebeldes a “conspirar contra o país” (VISSENTINI, 2012).

Sobre a comunidade internacional, o ditador refere-se principalmente aos Estados Unidos da América que ascendeu em apoio ao Exército Sírio Livre, justificando sua interferência indireta no conflito por estimular a liberdade política e a inserção do regime democrático. Seguindo os resquícios da Guerra Fria, sempre presentes na relação entre Rússia e os Estados Unidos, o país europeu posicionou-se ao lado de Assad, interferindo, também, de forma indireta no embate. Ambos países enviaram reforços militares à Síria e prestaram assistência às forças que apoiam.

No entanto, em abril de 2017, Rússia e Estados Unidos deram um passo à frente no conflito e realizaram intervenções diretas, que alertaram o mundo com uma possível guerra de maiores proporções. Seguindo as informações da cobertura do site El País, objeto de análise deste trabalho, no dia 4 de abril, civis foram vítimas de um ataque por arma química, atribuído às Forças Leais a Assad, mas a real autoria

do ataque nunca foi confirmada, surgindo inclusive teorias de que esse teria sido apenas uma manobra dos Estados Unidos para atacar o país.

Dezenas de pessoas morreram em um ataque aéreo com gás tóxico na Síria nesta terça-feira. O Observatório Sírio para os Direitos humanos (OSDH), com uma ampla rede de informantes no local, fala em ao menos 58 mortos, entre eles 11 menores. Já a União de Organizações de Médicos Socorristas (UOSSM) garante que ao menos 100 morreram no bombardeio de Khan Sheikhoun – cidade da província de Idlib sob controle de forças rebeldes –, atribuído aviões do Governo de Bashar al Assad e da Rússia. (SANCHA, 2017).

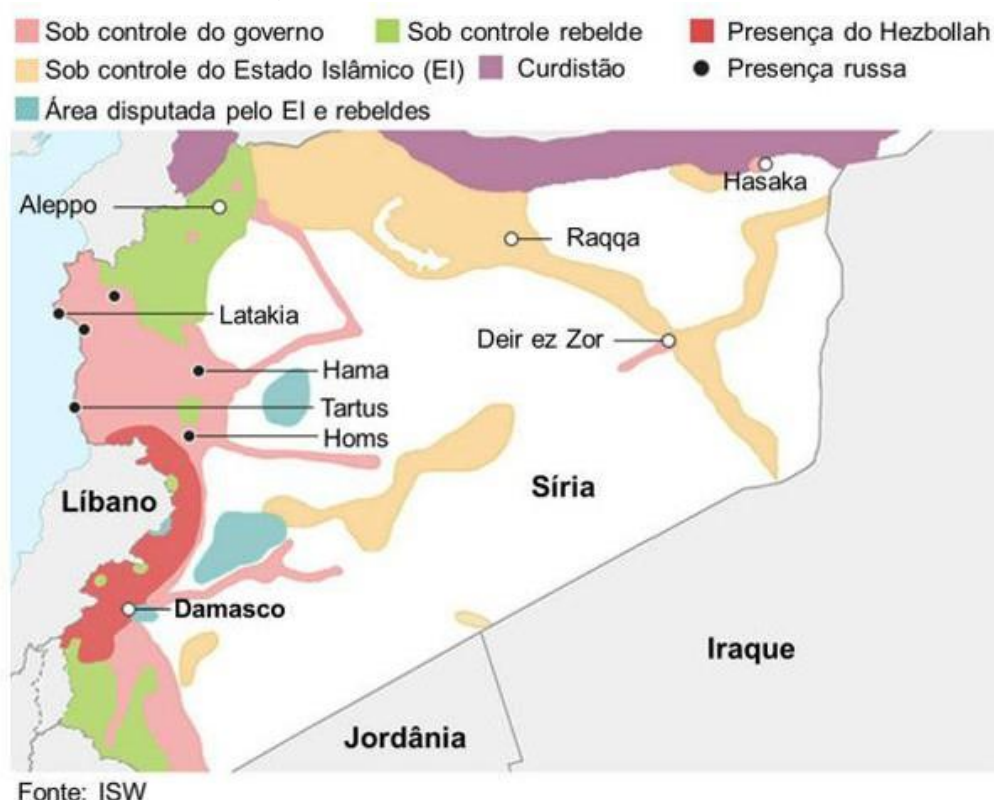
No momento referido, o país norte-americano passava por uma transição de governo, com a posse de Trump na Casa Branca. Essa situação aqueceu as articulações políticas, visto que o então presidente tinha posicionamentos contrários ao seu antecessor que preferiu não interceder no conflito durante seu mandato. Em 7 de abril, Trump lançou um ataque contra uma base aérea militar síria, destruindo o local e deixando mortos soldados e alguns civis, entre eles crianças.

Os Estados Unidos lançaram um ataque-surpresa contra o regime sírio na madrugada desta sexta-feira (noite de quinta no Brasil). Mísseis Tomahawk – 59 ao todo – atingiram a base aérea de Shayrat (Homs, norte da Síria) em represália pelo bombardeio com armas químicas que matou 86 pessoas na terça-feira, incluindo 30 crianças. A decisão de abrir fogo contra as tropas de Bashar al Assad, uma opção rejeitada até poucos dias atrás pelo presidente Donald Trump, representa uma guinada completa na política de Washington com relação à Síria e abre uma possível via de conflito com Moscou, principal protetor do regime. (AHRENS, 2017).

Desde então, intervenção direta e expressiva quanto essa, aconteceu novamente em abril de 2018, um ano após a primeira, também lançada pelos Estados Unidos⁸, com a mesma justificativa. Mas o período sem intervenções exteriores não significou um apaziguamento à brutalidade da guerra na Síria. Civis seguem morrendo em bombardeios e explosões que ocorrem a todo momento. Considerando a quantidade de mortos, as cidades destruídas e a inexistência de qualquer possibilidade de término do conflito, a saída para muitos é deixar o país e se refugiar nos países vizinhos como Líbano e Turquia.

⁸Intervenção direta e extensiva do Estados Unidos. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/14/internacional/1523705790_957994.html > Acesso em: 20 abr. 2018.

Figura 2 - Domínio das cidades sírias



Fonte: Site G1 ⁹

O que iniciou como um levante de um povo oprimido, contra seu governante opressor, constituiu-se em uma guerra civil, multifacetada, em que o confronto passa a ter mais de dois adversários, como se pode observar na Figura 2. Das frentes desta guerra não faz parte a população civil, são três grupos de ideologias divergentes que já não lutam mais em defesa da comunidade síria, mas sim do prevailecimento de suas ideologias, sem intenção de ceder.

4.3 A preocupação com informação e sobrevivência: ser jornalista na Síria

Ser jornalista na Síria é exercer uma tarefa complexa, multifacetada e arriscada. De acordo com o Comitê para a Proteção dos Jornalistas, a Síria é o terceiro país mais letal para jornalistas, como se pode ver na Figura 3, até 2015 já tinham sido confirmadas as mortes de 14 jornalistas. Além de enfrentar todas as

⁹Domínio das cidades sírias. Site G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/entenda-quem-luta-contra-quem-na-siria.html>> Acesso em: 26 mai. 2018.

dificuldades de um correspondente internacional com o agravar de um conflito, esquiva-se de um novo empreendimento criado pelos grupos jihadistas. A execução de uma pauta envolve mais do que as entrevistas com as fontes, apuração da informação e redação do texto ou edição do vídeo.

Figura 3 - Jornalistas mortos no mundo por exercer a função, com destaque para os números da Síria.

Journalists Killed

In 2015 / Motive confirmed

Reset



CPJ

Fonte: Comitê para a Proteção dos Jornalistas¹⁰

Nela deve estar previsto todo o trajeto que será percorrido, se é possível fazê-lo sem grandes ameaças. A apuração passa a ser mais do que complexa, pois em uma guerra com tantas frentes torna-se difícil manter a objetividade. E por fim a finalização do material colhido durante o dia, ou vários dias, é prejudicada e lenta devido à falta de estrutura ou inexistência dela.

As dificuldades encontradas para cobrir a guerra levaram jornalistas que voltaram para seus países e outros que continuam na função, mas no entorno da Síria, a escrever relatos sobre os momentos passados em meio ao conflito. Alguns deles, inclusive, autointitulam-se como sobreviventes, depois da experiência síria.

¹⁰Jornalistas mortos no mundo por exercer a função, com destaque para os números da Síria. Comitê para a Proteção dos Jornalistas. Disponível em: <

A correspondente internacional do El País, Natalia Sancha, cujos textos são objeto de análise deste trabalho, escreveu o artigo “Informar a partir da Síria, uma missão impossível”.¹¹ Ela começa o texto com índices dos Repórteres sem Fronteiras, que apresentam a morte de 46 jornalistas e 134 colaboradores, em meio ao “conflito mais perigoso do planeta em termos de cobertura midiática” (SANCHA, 2015).

Os que reportam a partir do lado dos rebeldes não podem cruzar o caminho das forças leais a Assad, e vice-versa. Trabalhar nas zonas controladas pela al-Qaeda ou pelo Estado Islâmico vem acompanhado de um alto risco de sequestro. Apesar disso, dezenas de jovens jornalistas freelancers decidiram apostar em seguir cobrindo uma guerra cada vez mais violenta, e na qual o trabalho jornalístico se tornou economicamente caro. (SANCHA, 2015).

Na citação acima, a jornalista traz uma das barreiras enfrentadas pelos correspondentes na Síria, a dificuldade de uma cobertura completa e imparcial, uma vez que para estar no país jornalistas dependiam de uma das três frentes, forças de Assad, rebeldes ou grupos jihadistas. Natalia diz que cobrir a guerra nas forças ao lado de Assad é mais seguro, permitindo maior tranquilidade no deslocamento pelo país, mas há censura, um funcionário do Ministério da Informação segue os jornalistas onde quer que estejam. A zona rebelde pode ser mais livre, mas é também mais suscetível aos ataques, além da dificuldade de comunicação e estrutura.

Quatro anos mais tarde, passar para o lado rebelde da Síria carrega um alto custo em termos de risco, e como também se queixam muitos freelancers, de bolso. Encontrar um fixer (pessoa que funciona como tradutor, acompanhante, e — acima de tudo — negocia travessias seguras nos postos de controle) se tornou a principal prioridade. Será ele que, usando seus contatos, negociará com diversos grupos armados, muitas vezes inimigos entre si. Além do custo do fixer, se soma a economia de guerra, com os preços excessivos do transporte e do acesso a geradores e à internet. (SANCHA, 2015).

A falta de segurança trazida pelo conflito que deixou à mercê qualquer tipo de lei ou ordem, fez crescer uma das frentes. Grupos jihadistas tomaram proveito dessa fragilidade, o Estado Islâmico, principalmente, e a al-Qaeda aumentaram seus territórios e poder no país. Com isso, o novo empreendimento na Síria, altamente

¹¹Artigo de Natalia Sancha. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/21/internacional/1437502491_530090.html. > Acesso em 22 mai. 2018.

lucrativo, passou a ser o sequestro de jornalistas, ou seja, além de todos os riscos de se estabelecer no país em guerra, ainda enfrentava-se o perigo de ser um alvo, não apenas um profissional.

Entre os vários controles militares que se espalham pelo país, sempre resta a dúvida de qual deles pode ser um falso bloqueio, especialmente em zonas próximas aos redutos jihadistas, onde todos se vestem com cores cáqui e cultivam espessas barbas. [...] A brutalidade nas execuções de repórteres e colaboradores divulgadas pelo Estado Islâmico fez dos jornalistas estrangeiros um objetivo na guerra síria, fazendo deles verdadeiros cheques ambulantes em meio a uma população economicamente exausta. (SANCHA, 2015)

As circunstâncias levaram os veículos jornalísticos a removerem seus correspondentes do conflito e os alocarem em países próximos, onde pudessem realizar a cobertura com segurança. Mas como Sancha (2015) coloca, a categoria dos freelancers seguiu na Síria em busca de melhores histórias, imagens e uma cobertura mais rápida e exclusiva do conflito. E ela finaliza, “Cobrir a guerra na Síria em tempos de crise se transformou em um fator de risco para os freelancers” (SANCHA, 2015).

Eu estava em Damasco em fevereiro de 2012 com um visto de civil, escrevendo de forma clandestina, quando Marie Colvin foi morta em Homs. Na mesma época, um outro jornalista, Anthony Shadid, também foi morto. No mês anterior, um jornalista francês foi morto em Homs. (HARKING, 2016)

No Encontro Folha de Jornalismo (2016), promovido pelo jornal Folha de São Paulo, os jornalistas Mayte Carrasco e James Harking contaram suas experiências como freelancers que permaneceram no país após a imprensa mundial retirar seus correspondentes do local. Para Harking (2016), o trabalho desempenhado por eles foi essencial naquele momento, mas a situação ficou complicada com os sequestros.

O que aconteceu depois de todas estas mortes foi que a imprensa internacional deu um passo para trás na tentativa de noticiar a guerra na Síria. Alguns jornalistas freelancers, como por exemplo a Mayte, eu, James Foley, Steven Sotloff, decidiram cobrir o norte da Síria, controlado por rebeldes, por conta própria, e foi um trabalho extremamente necessário. O problema é que quando as coisas começaram a piorar no norte da Síria, esses jornalistas viraram presas fáceis e foram sequestrados um por um. E a tragédia final, é que nossos colegas freelancers, juntamente com os trabalhadores em missões humanitárias, se tornaram muito mais valiosos por conta do dinheiro que poderiam pedir no resgate, do que pelo trabalho jornalístico que eles produziam. (HARKING, 2016)

Para Mayte Carrasco (2016), todos os jornalistas que saíram vivos da Síria foram em decorrência de um milagre. “Na Síria, por exemplo, só podemos entrar ‘embedded’, isto é, infiltrados com a resistência. Isso significa que estaremos sofrendo os perigos que eles e a população civil estão sujeitos” (CARRASCO, 2016). E assim como Harking defende que a experiência como freelancer na Síria foi de extrema importância para a legitimidade da informação.

Há uma grande confusão hoje em dia. O jornalismo cidadão não existe, não pode existir. Como diz uma amiga minha, Rosa Maria Calaf, quando vamos ao hospital, pedimos um médico, não pedimos um médico cidadão. Quando pedimos informação, devemos pedir a um jornalista e não a um jornalista cidadão. Apenas o jornalista tem um compromisso com a cidadania, de ser honesto, de contrastar a notícia e de dar uma informação verdadeira. Por tanto, para mim, essas pessoas, que merecem muito respeito, são fontes de informação, muito valiosas, que o jornalista deve contrastar. (CARRASCO, 2016)

Como já abordado no Capítulo 3 “Correspondente Internacional”, o jornalismo cidadão faz parte de uma das sete novas tendências do jornalismo internacional elencadas por Agnez (2014). A autora ainda coloca que a atividade é uma das mais “demonizadas” pelos jornalistas. Analisando a colocação de Carrasco, pode-se confirmar que jornalismo cidadão não tem o apoio dos profissionais da área. No entanto, com a hostilidade do ambiente sírio, a permanência de jornalistas, mesmo dos freelancers, ficou difícil e não havia quem pudesse retratar os fatos para a própria Síria e para o mundo.

A jornalista síria e coordenadora do projeto Síria do Institute for War and Peace Reporting (IWPR)¹², Zaina Erhaim, em uma entrevista para Sam Berkhead do site IJNet¹³, explicou por que e como treina cidadãos sírios para realizar uma cobertura jornalística. Ela relata a dificuldade de cobrir a guerra de seu próprio país, contando, muitas vezes, as histórias de seus amigos e família. Zaina ainda acrescenta que ser jornalista sírio é mais arriscado, pois as frentes de guerra consideram-nos uma ameaça.

Não há mais nenhum, especialmente em áreas mantidas pela oposição, que são as áreas que estão sendo bombardeadas diariamente. Para um jornalista cidadão, é uma zona de guerra. É considerado um dos lugares mais perigosos para os jornalistas,

¹² Site do Institute for War and Peace Reporting (IWPR). Disponível em: < <https://iwpr.net/> > Acesso em: 24 fev. 2018.

¹³ Entrevista de Zaina Erhaim. Disponível em: < <https://ijnet.org/pt-br/blog/como-jornalistas-cidad%C3%A3os-sobrevivem-na-s%C3%ADria> > Acesso em: 22 mai. 2018.

então esta é a situação. Nesta sociedade, há muito deixado de lado, porque a maior parte do treinamento e maior parte do trabalho estão sendo feitos nos países vizinhos. Ser jornalista sírio, como seria de se esperar, é algo muito mais diferente do que ser apenas um jornalista em uma zona de guerra. Para mim, aquelas pessoas que eu estou reportando são queridos amigos e membros da família. Porque você é um jornalista, é colocado na lista de procurados do regime, militares, Estado e força aérea, embora eu não saiba nem mesmo como andar de bicicleta. (ERHAIM, 2015)

Embora seja uma atividade contestada para a maioria dos jornalistas, Erhaim crê ser essa a única forma de cobrir o conflito em zonas de maior violência e periculosidade. Da maneira como explica, entende-se que o jornalismo cidadão é uma alternativa para momentos extremos em que as únicas pessoas que permanecem no local são os próprios civis. Não seria uma forma de competição com a profissão ou uma vontade de quem o pratica, mas sim uma necessidade. “Muitas das pessoas que eu treino tornaram-se jornalistas cidadãos apenas por causa da falta de jornalistas, porque os jornalistas profissionais não poderiam fazê-lo para o país” (ERHAIM, 2015).

Erhaim ainda fala sobre a dificuldade de uma mulher jornalista cobrir a guerra em um país com regiões bastante tradicionais. Mas apesar das complicações existem os pontos positivos. “A maioria das áreas do norte da Síria é considerada conservadora. Eles não estão acostumados a ver mulheres fazendo trabalho de rua como jornalismo, portanto apenas ser mulher é algo que não esperam” (Erhaim, 2015).

Ser uma mulher com uma câmera é algo que chama muita atenção e atenção nestas circunstâncias não é algo bom. Há muitos espaços que não posso acessar, porque eu sou uma jornalista mulher. Mas, por outro lado, ser uma mulher jornalista me deu a chance de entrar em algumas casas que os meus colegas do sexo masculino não poderiam entrar e alguns espaços que nenhum jornalista cidadão do sexo masculino seria capaz de entrar ou cobrir, por isso tem alguns prós e contras. (ERHAIM, 2015)

Pelos relatos dos jornalistas aqui dispostos, percebe-se que praticar a profissão na Síria é algo que transcende os afazeres habituais, é preciso despertar raízes muito mais profundas do jornalismo, como o compromisso com a cidadania. Em muitos casos, como de Carrasco e Harking, nota-se uma grande preocupação dos profissionais com direito público de acesso à informação de qualidade. O que

demonstra a fidelidade com a ética e a percepção, sensível, de que as atrocidades vividas pelos sírios merecem atenção.

O mesmo pode-se ver no relato de Erhaim, que realiza um trabalho voluntário, com intuito de garantir que zonas extremamente devastadas em seu país, não continuem sendo destruídas em silêncio. Para reportar o conflito sírio, *in loco*, é preciso mais que experiência e qualificação, necessita-se vontade, disposição, coragem e um compromisso ético, inabalável com os fundamentos da profissão.

5. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa tem por objetivo a identificação e análise da cobertura da guerra na Síria realizada pelo site do El País, mais especificamente entre os dias 4 e 15 de abril de 2017, quando ocorreram dois ataques que repercutiram mundialmente. Para compreender como se deu a organização dessa cobertura que envolveu repórteres alocados na América do Norte, Europa e Oriente Médio, foram aplicados alguns processos metodológicos necessários.

O método escolhido para guiar o processo de investigação do objeto de pesquisa deste trabalho foi a análise de conteúdo, que tem registros de uso desde o século XVIII. Mas a sistematização do método ocorreu apenas no século XX, quando utilizado na Segunda Guerra Mundial pelos americanos para analisar propagandas e fazer monitoramento de transmissões radiofônicas dos oponentes. Ganhou destaque no campo da comunicação, mas logo foi despertando o interesse de outras áreas e hoje é utilizado por várias delas (DUARTE e BARROS, 2008).

Duarte e Barros (2008) explicam que a análise de conteúdo tem como base a análise da mensagem, assim como a análise semiótica ou a de discurso. Mas diferencia-se por sua sistematização e confiabilidade. Por muito tempo o método foi associado exclusivamente à análise de mensagens escritas e impressas, ignorando outros meios de emissão.

O que é Análise de Conteúdos atualmente? É um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e conteúdos) extremamente diversificados. O fator dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: inferência. (BARDIN. 2011, p. 15).

Neste trabalho a análise de conteúdo será utilizada para identificar e entender as especificidades da organização da cobertura jornalística da guerra civil na Síria, publicada no período de 4 a 15 de abril de 2017 no site El País e que corresponde ao momento que aconteceu o ataque químico, atribuído às Forças Leais a Assad, e à retaliação dos Estados Unidos.

Para compreendermos melhor o processo metodológico é necessário que primeiro se conheça o veículo responsável pela produção e veiculação das

reportagens. Por isso, logo abaixo temos um sub-capítulo dedicado a explicar a trajetória do El País. Em seguida, a aplicação do método é descrita passo a passo, ganhando um novo sub-capítulo a cada processo.

5.1 El País

O jornal El País foi fundado em 1976, na Espanha. Pertence ao Grupo Prisa Notícias, que assim como o veículo, tem atuação global, sendo presente em 23 países através de suas marcas. De acordo com o site do grupo¹⁴, o El País lidera o segmento na Espanha, conquistou também a colocação de jornal de língua espanhola mais lido no mundo.

O veículo evoluiu, e como se autointitula, hoje é um jornal global. Começou as atividades no Brasil em 2013, quando lançou o portal on-line¹⁵ que não só ofereceria conteúdo traduzido, como também produziria material brasileiro através da redação instalada em São Paulo.

Em seu site, o El País disponibiliza a leitura dos conteúdos em língua espanhola, inglesa e portuguesa. Com cinco edições diferentes: Espanha, América, Brasil, Catalunha e Inglesa. Seguem as características de um veículo diário, constantemente abastecendo o portal com novas informações. Na Edição Brasil organiza o conteúdo em nove editorias: Internacional, Opinião, Brasil, Economia, Ciência, Tecnologia, Cultura, Estilo e Esportes.

Na página inicial, Figura 4, apresenta os destaques diários, exaltando uma das matérias com manchete e foto, posicionada no lado esquerdo. No direito, em uma coluna vertical, apresenta outras três manchetes e abaixo, na horizontal, mais três. No decorrer da página seguem as demais editorias com seus respectivos destaques. E para fechar a capa disponibilizam um ranking com as matérias mais vistas aos leitores.

¹⁴ Site El País. Disponível em: < <https://www.prisa.com/pt/info/el-pais-2> > Acesso em: 19 mar. 2018.

¹⁵ Portal on-line El País Brasil. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/> > Acesso em: 19 mar. 2018.

Figura 4 Tela inicial do site do El País

17 MAY 2018 | ATUALIZADO 19:53 BRT

ESP | AME | BRA | CAT | ENG

NEWSLETTER ✉ ASSINE 🔔 🔍

☰

EL PAÍS
O JORNAL GLOBAL

INTERNACIONAL OPINIÃO BRASIL ECONOMIA CIÊNCIA TECNOLOGIA CULTURA ESTILO ESPORTES

Detidos em operação contra pedofilia eram “pessoas acima de qualquer suspeita”

AFONSO BENITES | Brasília

Segundo o delegado do caso, estudantes, advogados, educadores e profissionais da área de saúde estão entre os suspeitos. Desde o início do dia, 251 pessoas foram presas em 24 estados

Clube paraguaio demite dirigente condenado no Brasil por abuso sexual

BREILLER PIRES | São Paulo



O Largo do Paissandu e a resistência dos que ficaram após o desabamento

SALVADOR PEREIRA / G1

Fonte: Site do El País.

Na editoria internacional, onde se encontram as matérias que constituem o corpus deste trabalho, a maioria dos textos são redigidos por correspondentes internacionais e enviados especiais. Com uma grande quantidade de repórteres espalhados pelo mundo, o El País acompanha de perto boa parte dos assuntos em evidência mundial.

Como no caso da Síria, em que faz a cobertura de três regiões diferentes, Europa, América do Norte e Oriente Médio, diferenciando-se, assim, de outros veículos que produzem conteúdos em português, mas para a cobertura utilizam textos de agências de notícia.

5.2. Aplicação do Método da Análise de Conteúdo

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser dividida em três fases principais: Pré-análise (seleção dos documentos, formulação das hipóteses e objetivos, elaboração de indicadores); exploração do material (aplicação do instrumento de análise); tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (análise dos resultados obtidos). Esse esquema cronológico foi base de todo o processo de análise realizado neste trabalho.

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e

sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN. 2011, p. 125)

Na citação acima, a autora descreve a primeira fase, pré-análise, que divide em três objetivos: escolha dos documentos, formulação das hipóteses e objetivos, elaboração de indicadores. Bardin (2011) explica que não necessariamente as três missões precisem seguir essa ordem. Para atingir os objetivos a autora divide o processo em cinco fases: a leitura flutuante; a escolha dos documentos; a formulação das hipóteses e dos objetivos; a referenciação dos índices e elaboração de indicadores; a preparação do material.

5.2.1 Leituras flutuantes

A leitura flutuante é o momento de primeiro contato com o material, uma fase exploratória em que o pesquisador livremente tem impressões e interpretações dos textos (BARDIN, 2011). Para construção deste trabalho a leitura flutuante ocorreu antes mesmo da elaboração da questão de pesquisa e do objetivo geral, sendo esses construídos a partir das impressões que resultaram desta fase.

A motivação da pesquisa era a análise da cobertura internacional da guerra na Síria realizada no momento em que duas ações específicas aconteceram, em 2017, e movimentaram a editoria de Internacional nos *media*. Por isso foram utilizados buscadores da web para encontrar veículos que tivessem produzido conteúdos noticiosos nesse período. A partir desta busca e leitura dos materiais, foram registradas impressões que auxiliaram na construção da pergunta de pesquisa e do objetivo geral, bem como a elaboração de critérios para a seleção do corpus de análise.

Uma das principais características observada neste primeiro momento foi a falta de conteúdos próprios, disponíveis na web, da grande imprensa brasileira. Os conteúdos envolvendo o objeto de pesquisa na maioria dos sites (BBC Brasil, Folha de São Paulo, Estadão, O Globo) vinham de agências de notícia e inclusive eram os mesmos em muitas situações.

O site do jornal espanhol El País, que também produz conteúdos em português e traduz parte de seu material em espanhol, foi o único encontrado que de fato realizou a própria cobertura, por isso este trabalho se detém a analisar como o

El País organiza e apresenta a sua cobertura da guerra na Síria no período especificado.

5.2.2. Escolha dos documentos

Feito isso, destinamo-nos para a segunda etapa da pré-análise, a escolha dos documentos que constituirão o corpus de análise. “O corpus é um conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (Bardin, 2011). Para definirmos o corpus estabelecemos alguns critérios a fim de não fugir do objetivo geral da pesquisa e também conseguir atingí-lo.

Para encontrar o material pesquisou-se a palavra “Síria” no buscador do site do El País, o qual apresentou 1.557 resultados. O primeiro filtro utilizado na seleção foi a data, selecionando texto do dia 04 de abril, quando ocorreu o ataque químico, até o último texto do mês de abril, a fim de contemplar na análise todos os textos suscitados por estes episódios até a conclusão do mês, refinando a busca em 65 textos.

Dos 65 documentos foram selecionados apenas os que correspondiam aos gêneros jornalísticos de reportagem e notícia, devendo ser devidamente assinados por jornalistas. Textos dos quais o foco noticioso não fosse o conflito sírio foram automaticamente excluídos do corpus, uma vez que objeto de pesquisa é justamente a cobertura da guerra civil síria. Aplicados estes critérios o corpus se constituiu em 22 textos que serão submetidos à análise.

5.2.3. Formulação das hipóteses e dos objetivos

O passo seguinte seria a formulação das hipóteses e dos objetivos sendo a hipótese “uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise” (BARDIN, 2011); e o objetivo “a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 2011).

Pode-se dizer que parte desta fase já foi realizada logo após as leituras flutuantes, a produção dos objetivos geral e específicos. Bardin (2011), ressalta que a formulação de hipóteses não é obrigatória e muitos pesquisadores optam por realizar a análise sem elas. É o caso deste trabalho, visto que mais do que comprovar algo, tem como principal objetivo compreender a organização da cobertura da guerra na Síria realizada pelo site do El País.

5.2.4. Referenciação dos índices e elaboração de indicadores

Sendo assim, passemos para etapa de referenciar índices e de elaborar indicadores. “Se se considerarem os textos uma manifestação que contém índices que análise explicitará, o trabalho preparatório será o da escolha destes” (Bardin, 2011). Para isso retorna-se ao corpus fazendo releitura dos textos, anotando cada índice que julgou ser relevante para a confecção de instrumento de análise que produza dados que possam atender ao objetivo do trabalho.

Os índices levantados a partir da leitura dos textos foram: editoria, retranca, título, assinatura da matéria, local, data, fontes, presença de número de vítimas, presença de frentes conflitantes, foco conflituoso, palavras-chave e sentenças recorrentes, gênero jornalístico, predominância da matéria, fontes, ambientação.

“Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros” (Bardin, 2011). Cada índice foi transformado em um indicador com aplicação específica, o grupo foi dividido em duas categorias: Marcas Jornalísticas (que compreendem elementos de referência temporal e temática, e também características jornalísticas) e Marcas de apuração e conteúdo textual (trata-se do aprofundamento da análise sobre os elementos do texto). Os conceitos de cada um podem ser melhores compreendidos com as especificações logo abaixo.

Marcas jornalísticas:

1. **Editoria:** Os jornais, tanto impressos quanto digitais, costumam ser divididos em editorias que auxiliam a organização de produção de uma redação e também ajudam o leitor a situar-se no assunto chave de sua leitura. Elas encontram-se no topo das páginas, no caso do El País, no canto superior direito. As editorias do veículo em questão são: Internacional, Opinião, Brasil, Economia, Ciência, Tecnologia, Cultura, Estilo e Esportes.
2. **Retranca:** As retrancas podem ser consideradas sub-editorias, elas servem para agrupar certa quantidade de matérias que abordam o mesmo assunto,

indicando no início da leitura, de forma sucinta, de que se trata o texto. Elas aparecem no canto superior esquerdo, logo acima do título.

3. **Título:** Em textos jornalísticos o título é parte importante na apresentação do material, sendo sua principal função cativar a atenção do leitor. O título dá nome a todo o texto, devendo dessa forma sintetizar o assunto a ser tratado. É apresentado em letras maiores, geralmente negritadas, sendo assim o primeiro contato do leitor com a informação.
4. **Autor:** Nas notícias/reportagens do El País o repórter autor dos textos tem a assinatura exposta acima ou logo abaixo da foto principal.
5. **Local:** Tratando-se de uma cobertura de guerra internacional e do principal objetivo deste trabalho, o local de onde o jornalista escreve é de suma importância para a análise do restante das informações dispostas no texto. Encontra-se abaixo da assinatura do jornalista. Devendo ser categorizado por região.
6. **Data:** Firmada ao lado do local, a data dá a informação de temporalidade. Interessando para este trabalho qual o dia do mês de abril de 2017 que o texto foi redigido.
7. **Gênero jornalístico:** Indicar se é notícia ou reportagem, visto que demais gêneros não foram aceitos no corpus.
8. **Fontes:** Indicar a quantidade de fontes presentes na matéria.

Marcas de apuração e conteúdo textual:

a) *Contextualização*

Esta categoria refere-se ao contexto no qual o texto foi redigido, sobre o que fala, o que enfoca e em meio a que ambientação está inserido.

1. **Predominância Humanitária, Política ou Conflitiva:** Deve ser apontado quais das três opções é mais adequada ao texto por meio da leitura dos mesmos. Em caso de não caber em nenhuma delas deve-se marcar na opção “outros” especificando o que é.
2. **Foco noticioso:** Apontar qual fato motivou a matéria, de acordo com as segmentações: Ataque, retaliação, conflito armado, guerra, divergências políticas, articulações políticas e vítimas.

3. **Ambientação:** Identificar nos textos qual a situação do local de onde se redige a matéria, sendo necessário a segmentação em: Ambiente de guerra, ambiente político, ambiente neutro.

b) As vozes da guerra

A vozes da guerra é uma categoria de extrema importância para a análise, pois através dela pode-se identificar de quem parte as informações sobre Síria, definindo assim sob qual visão a guerra está sendo retratada.

1. **Vozes sobre a Síria e sobre os sírios:** esse indicador abrange todas as fontes oficiais (governantes, políticos, especialistas, influências) que têm suas falas registradas no texto. Devendo ser separadas por regiões.
2. **Ajuda humanitária como fonte de informação:** aqui serão contabilizadas as organizações de ajuda humanitária que se tornam fontes de informações por estarem no cerne do conflito, a fim de analisar quanto esse segmento auxilia na cobertura jornalística.
3. **Vozes sírias:** neste indicador deve ser contabilizado quando a população civil da síria ganha espaço de fala, sendo apontado também por qual meio foram contatados.

c) Destaques de conteúdos

A categoria destaques de conteúdos refere-se a partes importantes dentro dos textos que dão condução aos mesmo e também à cobertura.

1. **Palavras ou sentenças recorrentes:** Palavras ou sentenças, de mesmo significado ou utilidade, que aparecem recorrentemente dentro do texto.
2. **Apresentação do Número de vítimas:** indicar se o texto apresenta número de vítimas.
3. **Frentes conflitantes:** Apontar se o texto apresenta frentes do conflito e segmentá-las em: Forças Leais a Assad, Exército Sírio Livre e grupos terroristas.

5.2.5. A preparação do material

A quinta e última fase da pré-análise é de preparação do material, que consiste em organizar os documentos de modo a tornar mais fácil a exploração e

análise dos dados. Esta etapa é o momento da impressão do corpus ou dos recortes dos textos caso sejam retirados de jornais impressos, da construção de uma tabela que facilite a coleta dos dados, entre outras coisas.

É aconselhável que se prevejam cópias em número suficiente (recortes, equipe numerosa) e que se numerem os elementos do corpus. Suportes materiais de um tipo específico podem facilitar a manipulação da análise: entrevistas digitadas e impressas em papel, dispondo de colunas vazias à esquerda e à direita para o código, e resposta a questionários em fichas-padrão para que se possam marcar os contrastes. (BARDIN. 2011, p.130).

Esta etapa foi utilizada para imprimir os 22 textos a serem analisados e separados cronologicamente. Neste momento também construiu-se uma tabela, o instrumento de análise, na qual foram descritos os dados coletados a cada texto e a partir dela será realizada a sistematização dos dados para a análise final, veja em Anexo 1.

Uma vez concluída a etapa de preparação do material, o corpus selecionado encontra-se pronto para a aplicação do instrumento de análise que fará a coleta dos dados. Durante a coleta cada texto recebeu uma tabela, que foi preenchida de acordo com o seu conteúdo. Em seguida, os resultados obtidos foram sistematizados e cruzados para serem apresentados em forma de gráficos no capítulo seguinte.

6. TRAÇOS SINGULARES DA CONSTRUÇÃO DA COBERTURA DA GUERRA SÍRIA NO EL PAÍS

Procurando compreender como se organiza a cobertura do site El País sobre a guerra na Síria, do dia 4 ao dia 15 de abril de 2017, período que ocorreu o ataque químico que resultou na morte de dezenas de civis e a retaliação dos Estados Unidos com um ataque a base aérea do exército de Bashar al Assad, foi elaborado um instrumento que produzisse dados para esta análise.

Levamos em consideração todo o referencial teórico já construído que abordou jornalismo e conflito, a profissão de correspondente internacional e a guerra na Síria, o que promoveu uma reflexão sobre a razão da alta audiência de coberturas que envolvem violência e abordou as coberturas jornalísticas das grandes guerras mundiais. Além de discorrer sobre a vida de um repórter fora de seu país e as especificidades do correspondente internacional, inclusive os que já estiveram na Síria, cobrindo uma guerra em tempo real.

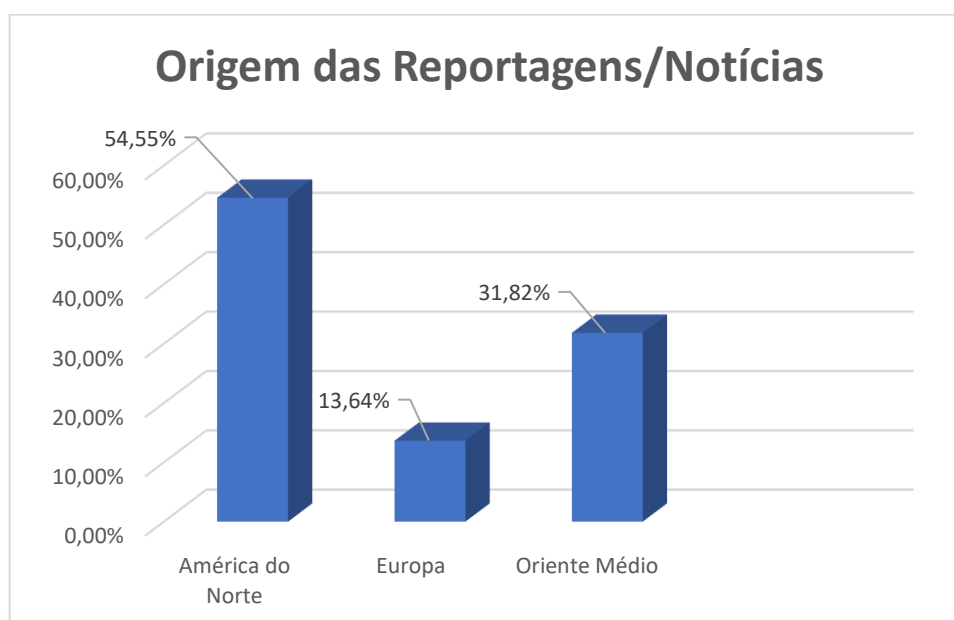
Como já mencionado, a análise de conteúdo foi o método escolhido para realizar a investigação da cobertura. A seleção do corpus, que compreende 22 textos da cobertura realizado pelo site do El País, se deu atendendo a vários critérios dentre eles, o período de publicação, a partir da data do primeiro caso até o final do mês de abril; a assinatura das matérias, todas são devidamente assinadas por um repórter que produziu o conteúdo para o El País, caracterizando-o e tornando-o singular; e o assunto central das matérias, que obrigatoriamente deveria ser a guerra na Síria ou episódios que nela se sucederam.

Depois de selecionado o corpus foi criado um instrumento de análise em forma de tabela baseado nas leituras dos textos realizadas previamente. O instrumento foi personalizado para coletar dados que possibilitassem a análise desta cobertura. Com a aplicação do mesmo foi possível categorizar dados que informam a origem das reportagens, os profissionais que as redigiram, os temas que predominaram, bem como os assuntos noticiados. As fontes utilizadas na midiáticação do conflito também são dados importantes sobre a sistematização e os resultados desta cobertura.

6.1. Origem dos textos

As 19 reportagens e 3 notícias que retrataram os episódios envolvendo a Guerra Civil na Síria, em abril de 2017, para o site do El País foram redigidas de três regiões diferentes: América do Norte, Europa e Oriente Médio. Produzidos fora do país sede do jornal, na Espanha, os textos foram veiculados em diferentes edições da editoria de Internacional. O Gráfico 2 demonstra a quantidade de textos produzidos em cada região.

Gráfico 2 - Origem das reportagens/notícias



Fonte: Produção própria.

A América do Norte, onde a produção se concentra nos Estados Unidos, é local de origem da maioria das matérias, obtendo 54,55% dos textos. O Oriente Médio vem em seguida, com 31,82%, uma quantia com uma redução simbólica de significatividade, ainda mais, se considerarmos que é essa a região em que acontece a guerra. E, de forma escassa, temos a Europa que contribuiu com 13,64%.

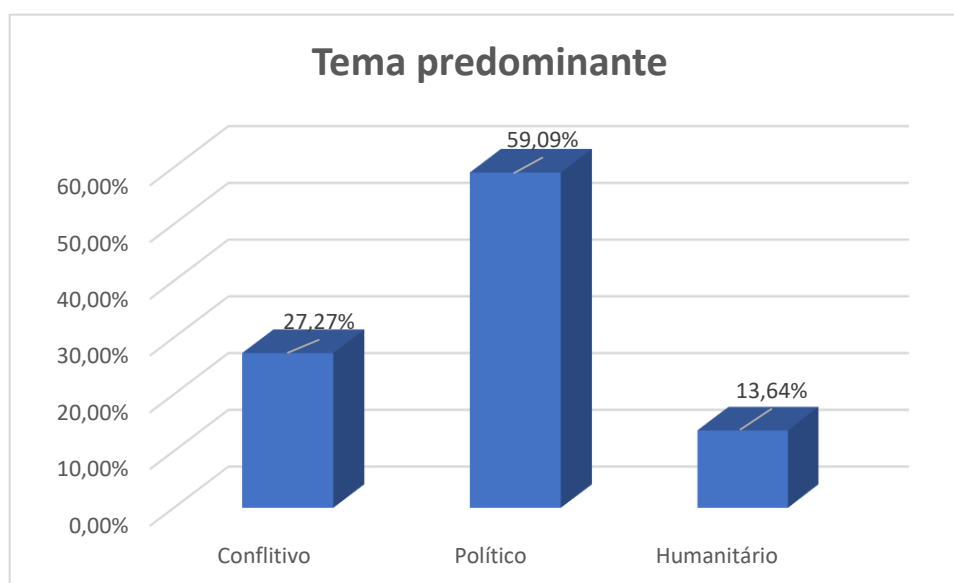
As regiões de origem dos textos condizem com a situação política da guerra. Oriente Médio é território do conflito em questão, a América do Norte é terra de um país (EUA) que provocou uma das maiores intervenções nas frentes de guerra e é responsável por um dos ataques; a Europa, é também, espaço de mais um país (Rússia) que interfere no conflito.

No continente norte-americano os textos vêm das cidades de Washington e Nova York, participando da cobertura os repórteres Jan Matínez Ahrens, Sandro Pozzi, Amanda Mars, Nicolás Alonso e Cristina F. Pereda. Na Europa, a maioria dos textos vem de Moscou, capital da Rússia, assinados por Pilar Bonet, mas há um texto de Roma, capital da Itália, assinado por María Salas Oraá. Já no Oriente Médio, onde a Síria se encontra, as reportagens são redigidas de Beirute e Jerusalém, assinadas pelos repórteres Natalia Sancha e Juan Carlos Sanz.

6.2. Temas predominantes nas reportagens/notícias

Cada um dos 22 textos que compõem a cobertura do El País no período pesquisado abriga em si um tema que predomina. Para a análise, foram categorizados em três temas emergentes: **conflitivo**, que trata de ataques, bombardeios, conflito armado e explosões, com o foco em noticiar como aconteceu a situação; **político**, que aborda várias questões mais salientes às divergências, opiniões, ideologias e ações políticas por trás dos fatos; e **humanitário**, quando o texto fala sobre o cidadão sírio, suas dificuldades, estilo de vida, como foram afetados por este ou aquele ataque.

Gráfico 3 - Temas predominantes (panorama geral)

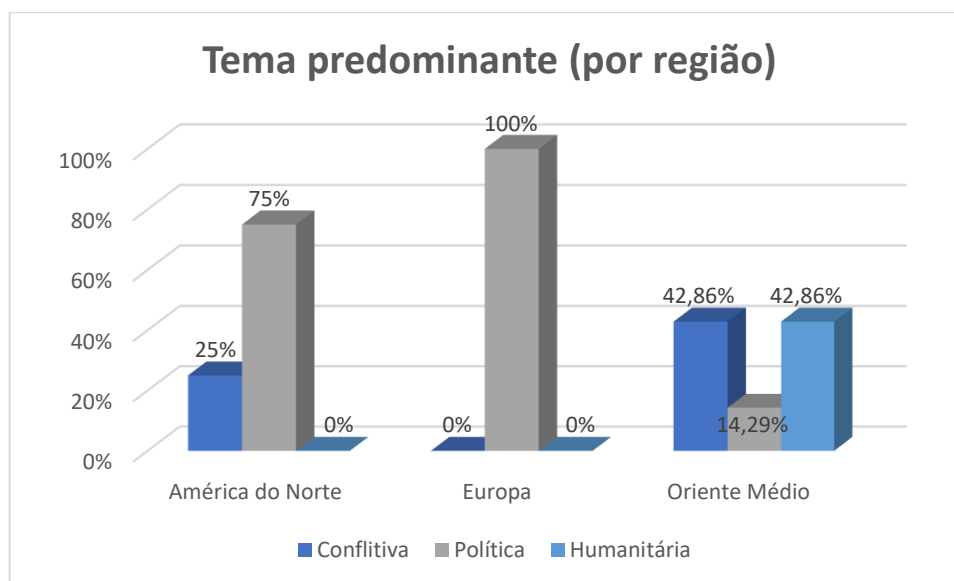


Fonte: Produção própria.

Como se pode perceber no Gráfico 3, o tema político predomina em quase 60% das matérias, indicando uma preferência do site do El País para os trâmites

políticos que envolvem grandes potências. Ao mesmo tempo, uma pouca preocupação com matérias que envolvem os sírios e suas vidas em meio ao conflito uma vez que a taxa das matérias humanitárias fica em 13,64%. O tema conflitivo aparece um pouco mais, no entanto, percebe-se que também não é o foco das atenções.

Gráfico 4 - Temas predominantes por região



Fonte: Produção própria.

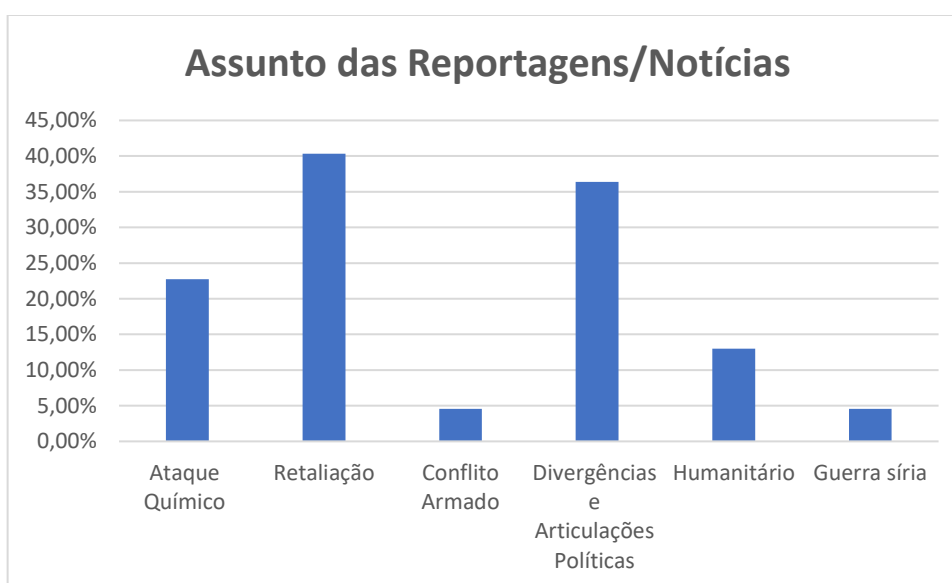
Quando dividimos o gráfico por regiões, os índices ficam mais claros, se levarmos em consideração que os textos produzidos na América do Norte são a maioria, é provável que o tema que nela se sobressaia torne-se o tema predominante nos índices gerais. Desta forma, conforme o Gráfico, 4, 75% dos textos são políticos, porém, o conflitivo também aparece, mesmo que com menor incidência, 25%. Como o ambiente norte-americano é mais político do que conflitivo, há uma alta produção de matéria com o tema, o que resulta em uma cobertura, neste período, mais voltada para os interesses políticos que envolvem a guerra.

Na Europa os textos são voltados para as relações entre Moscou e Washington, sendo todas com o tema predominante político. No Oriente Médio os temas entram em maior equivalência, sobe o nível de humanitário e conflitivo para 42,86% e reduz consideravelmente o de política, ficando com 14,29%. Com isso podemos deduzir que a proximidade é essencial para a definição dos conteúdos produzidos nessa cobertura.

6.3. Assuntos destacados nos textos

Mesmo com tema predominante, cada texto aborda assuntos específicos, e para categorizá-los foram divididos em seis: Ataque Químico, Retaliação, Conflito Armado, Divergências e Articulações Políticas, Humanitário e Guerra Síria. Os assuntos de que se tratavam cada texto foram extraídos do lead, como na matéria “Com ataque à Síria, Trump obtém sua primeira vitória política”, 7 de abril de 2017, de Jan Martínez Ahrens, que a pesquisadora utilizou o seguinte trecho, para classificar a reportagem no assunto represália: “O presidente dos Estados Unidos rompeu com seu isolacionismo e obteve na noite desta quinta-feira a sua primeira vitória política com um ataque surpresa ao regime de Bashar al Assad”. Nesta categoria foram aceitos mais de um assunto por reportagem, pois em algumas era inevitável a correlação entre um e outro, por isso os gráficos 5 e 6 atingem mais de 100% do total.

Gráfico 5 - Assunto das reportagens/notícias

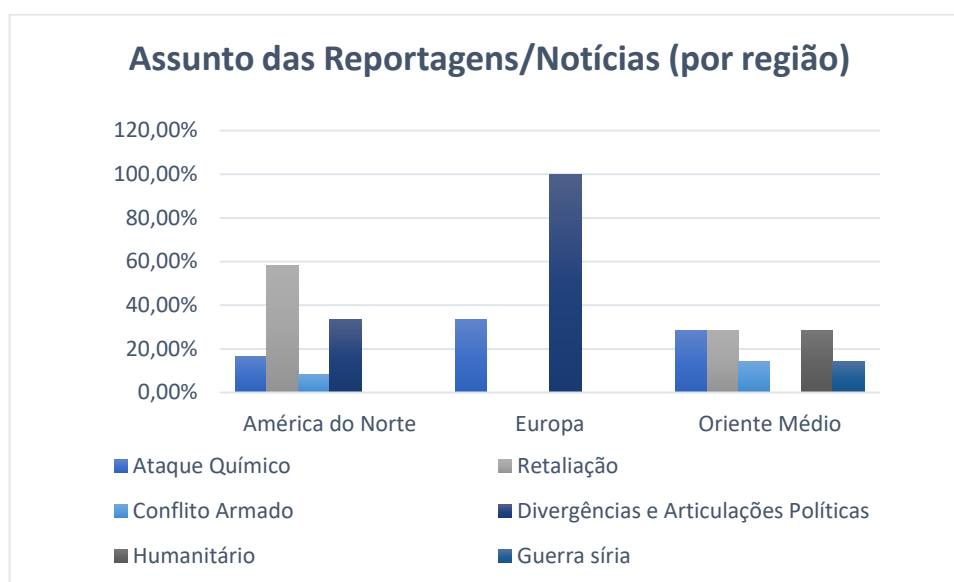


Fonte: Produção própria.

Analisando o Gráfico 5, podemos perceber que os assuntos Retaliação, com 40%, e Divergência e Articulações Políticas, com pouco mais de 35%, se destacam na cobertura. O assunto Ataque Químico foi terceiro mais abordado, tendo mais de 20% dos textos. Já as questões humanitárias receberam a atenção de apenas 14%

das reportagens. Conflito armado e Guerra Síria foram menos retratados, ficando com menos de 5%.

Gráfico 6 - Assunto das reportagens/notícias por região



Fonte: Produção própria.

Assim como no Gráfico 4, de temas predominantes, quando analisamos os dados enquadrados em suas respectivas regiões, no Gráfico 6, percebemos que assuntos predominantes na América do Norte se encaixam com os que predominam nos dados gerais. Ou seja, podemos perceber maior incidência de matérias com os assuntos Retaliação (60%) e Divergências e Articulações Políticas (30%). Em menores proporções também apresenta textos sobre Ataque Químico e Conflito Armado. Levando em consideração que a retaliação foi orquestrada pelos Estados Unidos é natural que este assunto seja o foco das matérias lá redigidas.

A Europa segue com o foco na questão política, obviamente, de acordo com o tema predominante que apresentou. Com isso, 100% dos seus textos focam nas Divergências e Articulações Políticas, mas 40% deles também falam sobre o Ataque Químico. O Oriente Médio, novamente, é o que possui mais paridade entre os assuntos que aborda. Ataque Químico, Retaliação e Humanitário foram abordados em 25% dos textos. Guerra na Síria e Conflito Armado foram o foco de 15% das matérias.

6.4. Ambientação retratada nos textos da cobertura

Todos os textos foram redigidos com certa descrição de ambientação, que se identificava logo nos primeiros parágrafos. Eles foram divididos em ambiente político, de guerra e neutro. Como na reportagem “Sobreviventes do ataque químico na Síria”, de Natalia Sancha, 7 de abril de 2017, que inicia assim: “Era de madrugada e reinava o silêncio quando Alaa al Yusef, de 27 anos, escutou o estrondo. Quatro projéteis acabavam de cair do céu...”. Desta forma, o texto foi classificado como ambiente de guerra, veja na Figura 5.

Figura 5 - Trecho da reportagem “Sobreviventes do ataque químico na Síria”.

≡ EL PAÍS INTERNACIONAL

Era de madrugada e reinava o silêncio quando Alaa al Yusef, de 27 anos, escutou o estrondo. Quatro projéteis acabavam de cair do céu sobre Jan Sheijun, a cidade síria que vive sob o controle dos rebeldes. Al Yusef compreendeu que não se tratava de um bombardeio normal — aos quais estão acostumados depois de seis anos de guerra — ao ver que os feridos não melhoravam mesmo quando se esborrifava neles “água, vinagre ou Coca-Cola”. O efeito do [ataque com gás tóxico](#) começava a aparecer.

MAIS INFORMAÇÕES

AO VIVO EUA bombardeia a Síria. Acompanhe as últimas notícias

Trump lança mísseis contra o Exército sírio em resposta ao ataque químico

Cinco pontos-chave do bombardeio de Trump na Síria

Fonte: Site do El País.

Já a reportagem de Sandro Pozzi, “Putin condena o ataque dos EUA na Síria e diz tratar-se de uma ‘agressão a um estado soberano’”, foi classificada como ambiente político, pois abre e fecha a matéria tratando de divergências entre os governos, como podemos observar na Figura 6.

Figura 6 - Trecho da reportagem “Putin condena o ataque dos EUA na Síria e diz tratar-se de uma ‘agressão a um estado soberano’”

≡ EL PAÍS
INTERNACIONAL

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, considera que o ataque dos Estados Unidos ao seu aliado Bashar al Assad representa uma violação da legislação internacional e coloca em risco a cooperação com Washington no país árabe. “Putin vê o ataque [contra uma base síria] como uma agressão contra um Estado soberano que viola a legislação internacional e que se baseia num pretexto fabricado para desviar a atenção das mortes de civis no Iraque”, afirmou nesta sexta-feira o porta-voz do presidente russo, Dmitry Peskov, informa a Reuters.

MAIS INFORMAÇÕES

AO VIVO EUA bombardeia a Síria. Acompanhe as últimas notícias

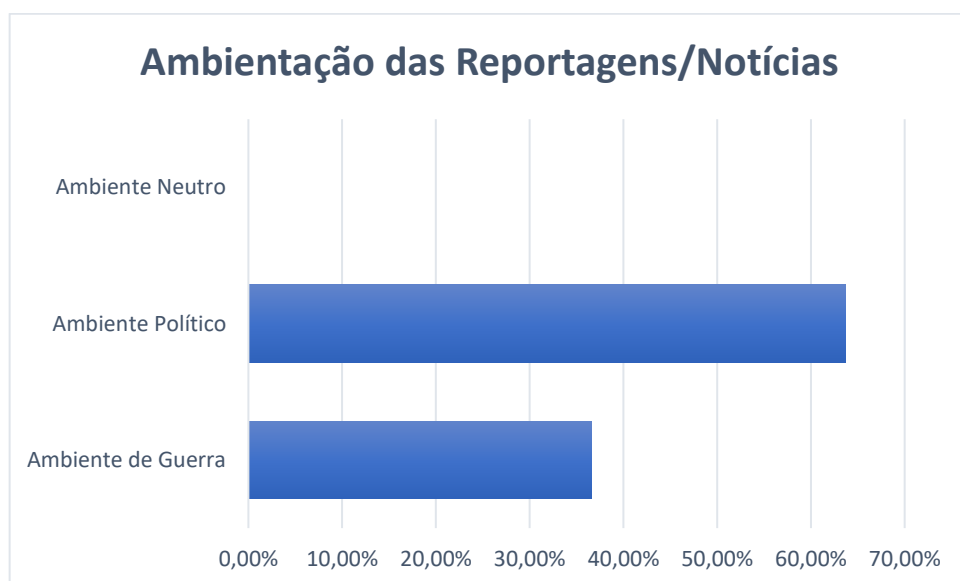
Trump lança mísseis contra o Exército sírio em resposta ao ataque químico

Cinco pontos-chave do bombardeio de Trump na Síria

Fonte: Site do El País.

Com o Gráfico 7 podemos perceber que, novamente, a política está em destaque. A categoria "ambiente político" engloba mais de 60% das matérias, enquanto "ambiente de guerra" não atinge 40%. Um dado que aponta a política por trás da guerra como principal foco de relevância na cobertura do El País. No entanto, o ambiente em que a guerra acontece parece ficar em segundo plano.

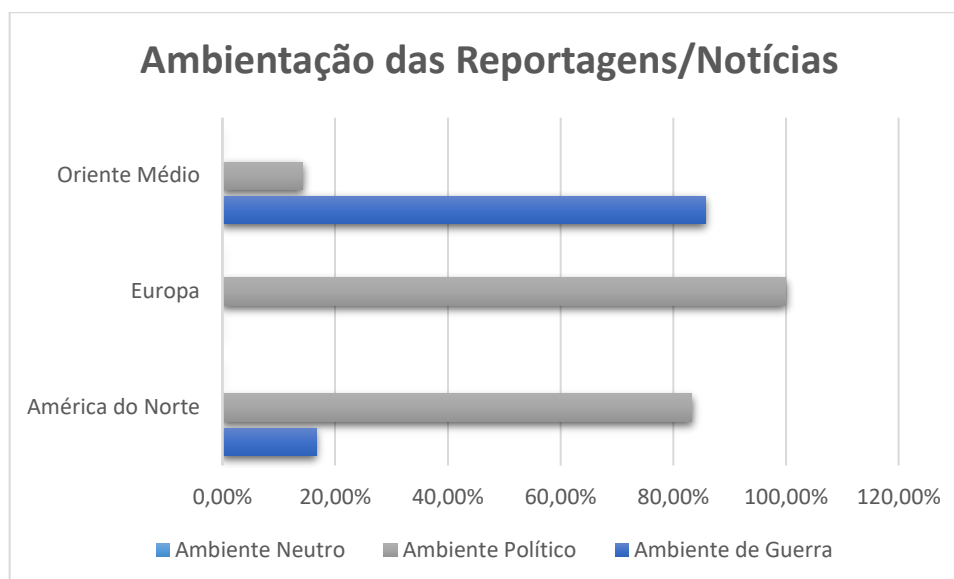
Gráfico 7 - Ambientação das reportagens/notícias panorama geral



Fonte: Produção própria.

Na classificação por regiões, Gráfico 8, podemos, novamente, perceber as distinções entre as matérias produzidas no Oriente Médio e na América do Norte. Desta vez, o Oriente Médio apresenta uma grande disparidade entre as duas categorias que apresenta. "Ambiente de guerra" possui mais de 80% dos textos, enquanto "ambiente político" ficou com menos de 20%.

Gráfico 8 - Ambientação das reportagens/notícias por região



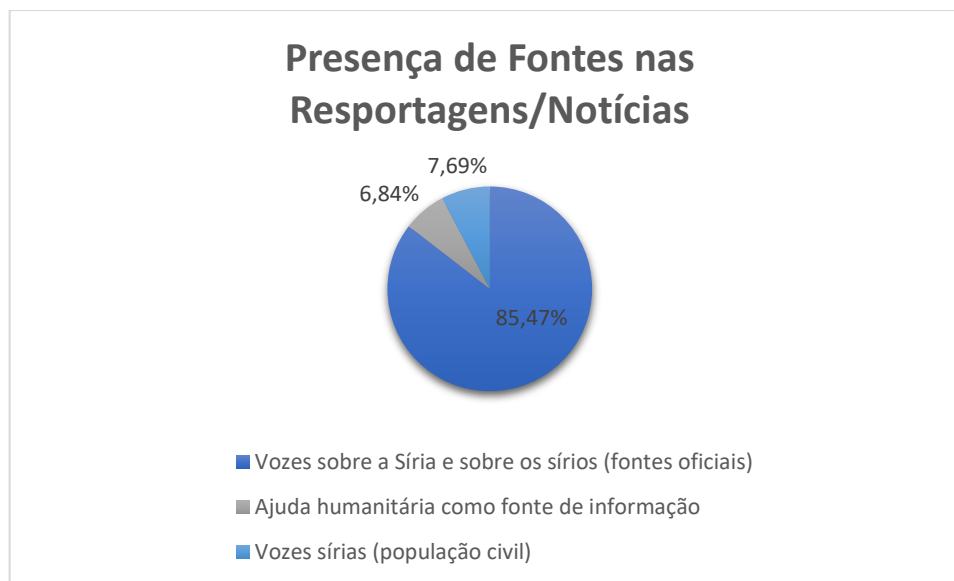
Fonte: Produção própria.

Na América do Norte a situação se inverte e temos mais 80% dos textos com "ambiente político" e menos de 20% em "ambiente de guerra". Já na Europa, também como os outros gráficos mostram, 100% das matérias são retratadas dentro de um "ambiente político". E mais uma vez, podemos perceber que a cobertura de cada local se relaciona com o meio em que está inserida.

6.5. Características das fontes presentes nos textos

A característica das fontes é parte muito importante para a composição e significação de um texto jornalístico. Elas podem dar ao texto uma aparência mais fria e oficial, científica ou humanitária. Para analisar as fontes presentes nas notícias/reportagens da cobertura do El País, elas foram divididas em "vozes sobre a Síria e sobre os sírios (fontes oficiais)", "ajuda humanitária como fonte de informação" e "vozes sírias (população civil)".

Gráfico 9 - Presença de fontes nas reportagens/notícias panorama geral

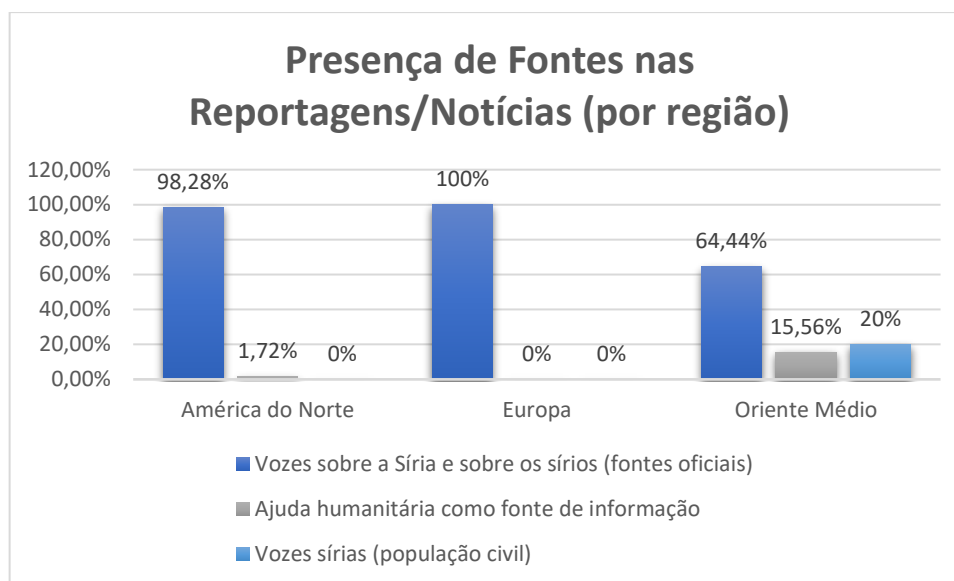


Fonte: Produção própria.

Em uma análise geral dos textos percebemos no Gráfico 9 que as fontes ouvidas para a produção das matérias são majoritariamente oficiais, 85,47%. Sobrando uma fatia menor de 15% para as demais fontes que praticamente se equivalem, ficando as fontes da população civil com 7,69% e ajuda humanitária como fonte de informação com 6,84%.

A maioria das fontes oficiais é de políticos, o que se relaciona com a predominância de tema e assunto dos textos. Um exemplo disso é a reportagem de Cristina F. Pereda, “Republicanos e Democratas respaldam o ataque de Trump à Síria”, publicado em 7 de abril de 2017, em que foram citadas 8 fontes, todas oficiais. É importante destacar que esse dado revela quem está sendo ouvido na cobertura da guerra civil da Síria, a partir de que perspectiva a história está sendo contada, neste período.

Gráfico 10 - Presença de fontes nas reportagens/notícias por região



Fonte: Produção própria.

Quando separadas, as regiões apresentam números semelhantes com relação à escolha das fontes, no Gráfico 10 é perceptível uma distinção maior para o Oriente Médio, que é o único às fontes da população civil, 20%, acumulando 15,56% de ajuda humanitária como fonte de informação, mas tendo como maioria as fontes oficiais, 64,44%. A América do Norte apresenta 98,28% de fontes oficiais e 1,77% de ajuda humanitária como fonte. Nos textos redigidos na Europa 100% das fontes são oficiais.

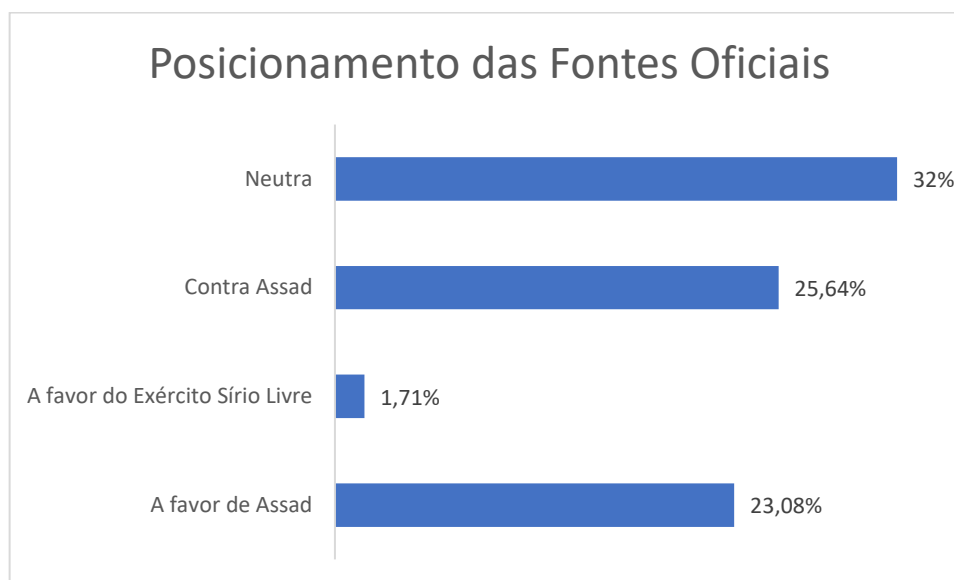
A divisão dos índices por região torna visível que, independente da origem dos textos, as fontes oficiais ganham mais espaços de voz. Contudo, o Oriente Médio é o único a apresentar fontes da população civil síria, com uma porcentagem baixa, mas considerável. Também se utiliza dos grupos de ajuda humanitária para adquirir informações que vem de longe dos espaços oficiais. A Europa, como já se caracteriza nos demais índices, opta por fontes de informação oficiais, assim como a América do Norte.

6.5.1. Posicionamento das fontes oficiais

As fontes oficiais, em sua maioria, apresentam um posicionamento em relação às guerras e às suas frentes. O que também é importante, pois influi na objetividade do texto. Uma vez que uma fonte se posiciona contra ou a favor de

alguém, quase sempre, é precioso ouvir o lado oposto, oportunizando ao leitor opiniões distintas sobre o mesmo fato e deixando que ele tire suas conclusões.

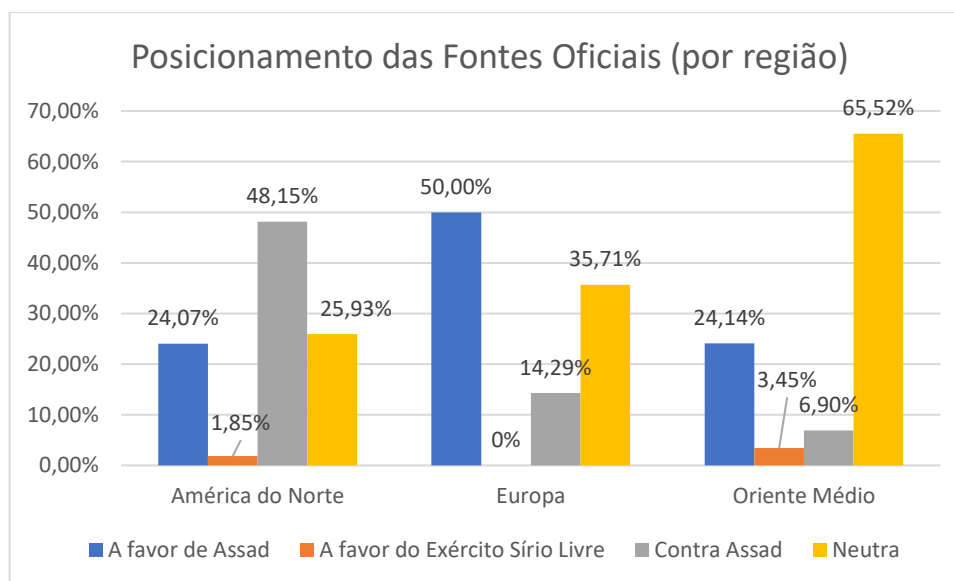
Gráfico 11 - Posicionamento das fontes oficiais



Fonte: Produção própria.

Neste sentido, de modo geral, podemos observar no Gráfico 11 que o posicionamento das fontes se concentra contra Assad, 25,64%, e a favor de Assad, 23,08%. No entanto, há, principalmente, um número elevado de fontes neutras, 32%. E uma pequena minoria, 1,71%, a favor do Exército Sírio Livre, que seria o oponente oficial do regime sírio. Indica, assim, que quem está contra Assad, não necessariamente está a favor de seus opositores.

Gráfico 12 - Posicionamento das fontes oficiais por região



Fonte: Produção própria.

Contudo, neste caso, o Gráfico 12 que separa os posicionamentos das fontes oficiais de acordo com a origem dos textos apresenta informações importantes. Podemos perceber que na América do Norte existe uma prevalência de quase 50% das fontes que se posicionam contra Assad. As fontes neutras, 25,93%, ultrapassam as que são a favor de Assad, 24,07%. E o Exército Sírio Livre apresenta apenas 1,85% de adeptos.

Na Europa a situação se inverte, 50% das fontes se colocam a favor do líder do regime sírio, enquanto as fontes contra Assad não chegam a 15% de incidência. As fontes neutras assumem 35,71%, e o Exército Sírio Livre não teve nenhum posicionamento a seu favor.

Já no Oriente Médio, o posicionamento neutro das fontes ganha destaque com 65,52%, as fontes a favor de Assad também têm um índice significativo de 24,14%. Os posicionamentos contra o líder do país ficam em 6,90% e, novamente, os posicionamentos a favor do Exército Sírio Livre são menores, 3,45%.

6.6 Reincidências de conteúdos percebidas nos textos

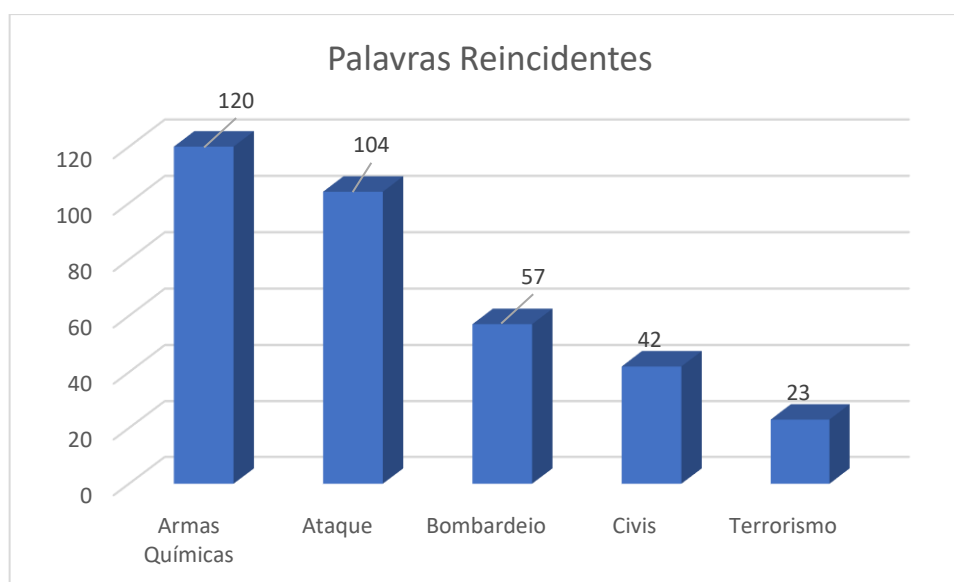
Ao longo da análise da cobertura foi possível perceber a reincidência de alguns conteúdos no corpo dos textos. Esses conteúdos foram categorizados em palavras recorrentes, apresentação do número de vítimas e apresentação das

frentes conflitantes. Os conteúdos reincidentes revelam dados sobre as particularidades da cobertura do El País.

6.6.1 Palavras reincidentes

As palavras reincidentes foram reconhecidas durante as leituras de análise dos textos e, a partir de então, contabilizadas a cada vez que apareciam. Por meio do número de vezes que são repetidas demonstram o fio condutor utilizado pelo jornal na construção dos conteúdos de seus textos. Os gráficos a seguir apresentam as cinco palavras com maior número de reincidência, primeiro em um panorama geral e depois de acordo com o tema predominante na matéria.

Gráfico 13 - Palavras reincidentes

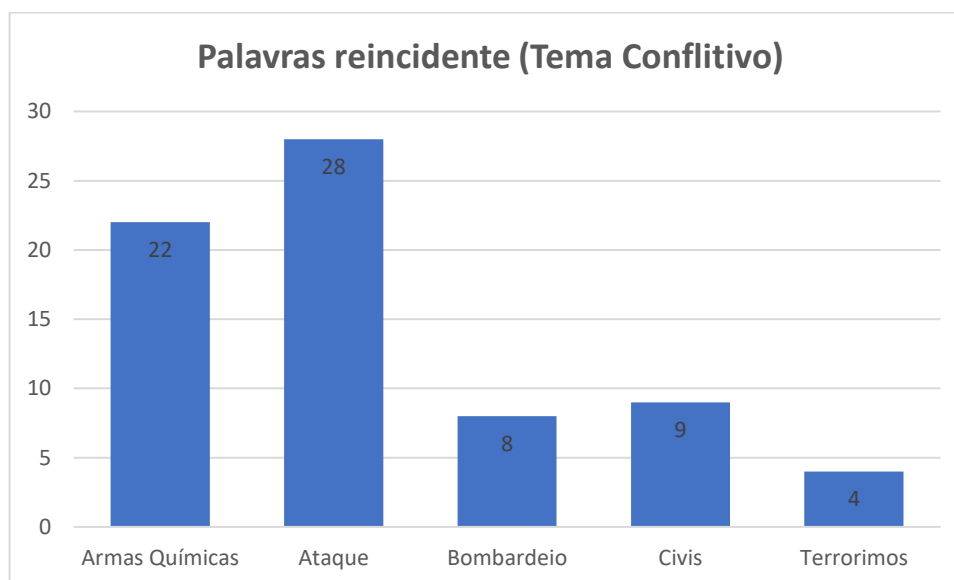


Fonte: Produção própria.

O Gráfico 13 aponta as cinco palavras com maior reincidência nos 22 textos analisados. Em primeiro lugar aparece “armas químicas”, usada 120 vezes nos textos para se referir ao primeiro ataque, ocorrido em 4 de abril de 2017, que atingiu a população civil da Síria, em sua maioria crianças. Em seguida, temos a palavra “ataque” com 104 reincidências, usada para se reportar aos dois casos. A palavra bombardeio, em terceiro lugar, possui um número menos significativo se comparado as duas primeiras, teve 57 reincidências ao longo dos textos. Com uma quantia

próxima aparece a palavra civis, usada 42 vezes. E por último a palavra “terrorismo”, colocada 23 vezes nas matérias.

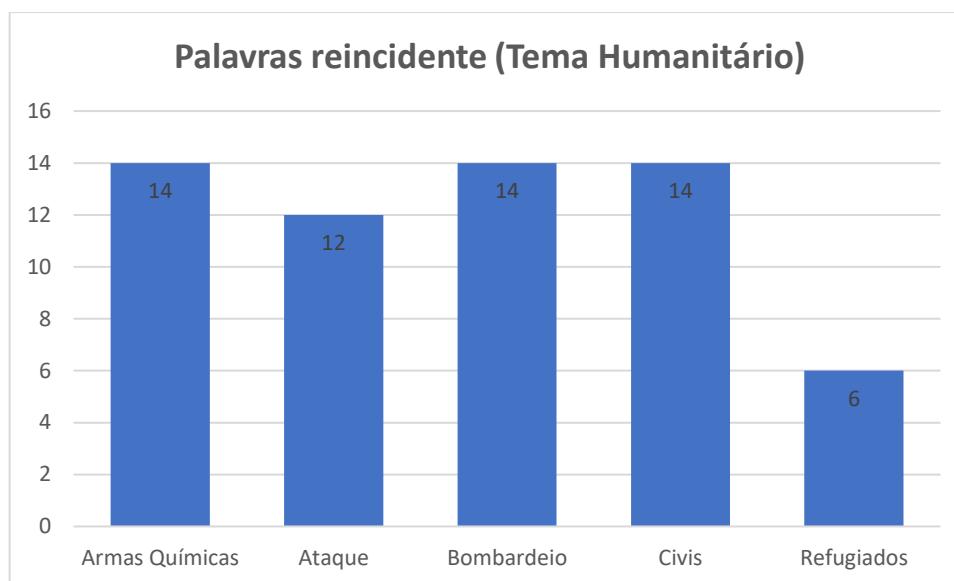
Gráfico 14 - Palavras reincidentes tema conflitivo



Fonte: Produção própria.

Como se pode observar no Gráfico 14, as palavras reincidentes nos textos dentro do tema conflitivo são as mesmas do panorama geral, no entanto, não na mesma ordem. Primeiro aparece “ataque” com 28 usos, em seguida “armas químicas” com 22, e depois, com números menores, aparecem bombardeio, civis e terrorismo. De fato significado de cada palavra e principalmente o contexto que elas produzem juntas remetem ao tema conflitivo.

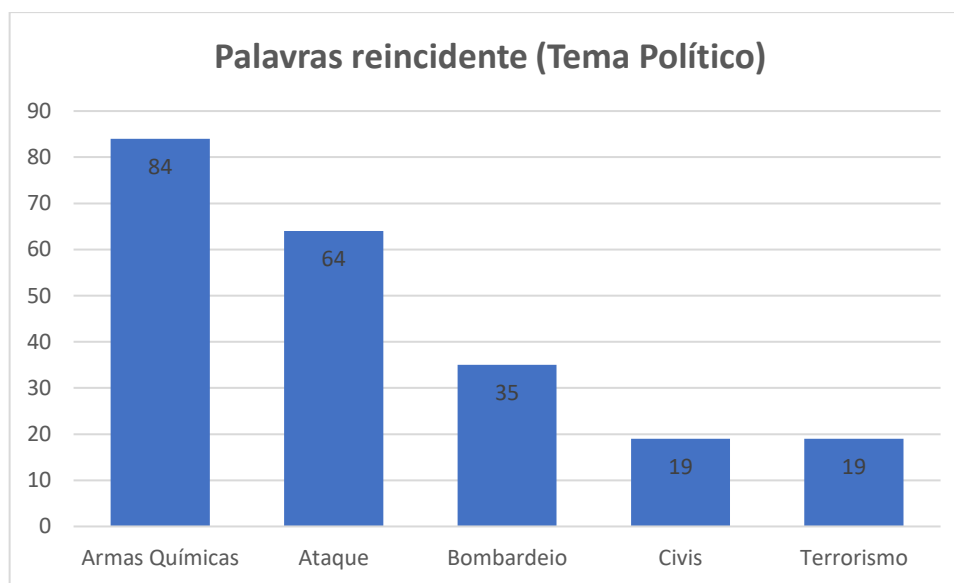
Gráfico 15 - Palavras reincidentes tema humanitário



Fonte: Produção própria.

No tema humanitário insere-se uma palavra nova e há uma alteração com relação ao número de incidência das demais como se pode ver no Gráfico 15. As palavras “armas químicas”, “bombardeio” e “civis” reincidentem, ambas, 14 vezes. “Ataque” tem 12 usos e “refugiados” tem 6 reincidentências. A equivalência das três palavras que mais reincidentem demonstram, entre elas civis, a evidência da retração de um ambiente de uma guerra que fere muitas pessoas. Acrescentando a reincidentência da palavra “refugiados” às demais, é possível perceber um conteúdo mais humanizado.

Gráfico 16 - Palavras reincidentes tema político



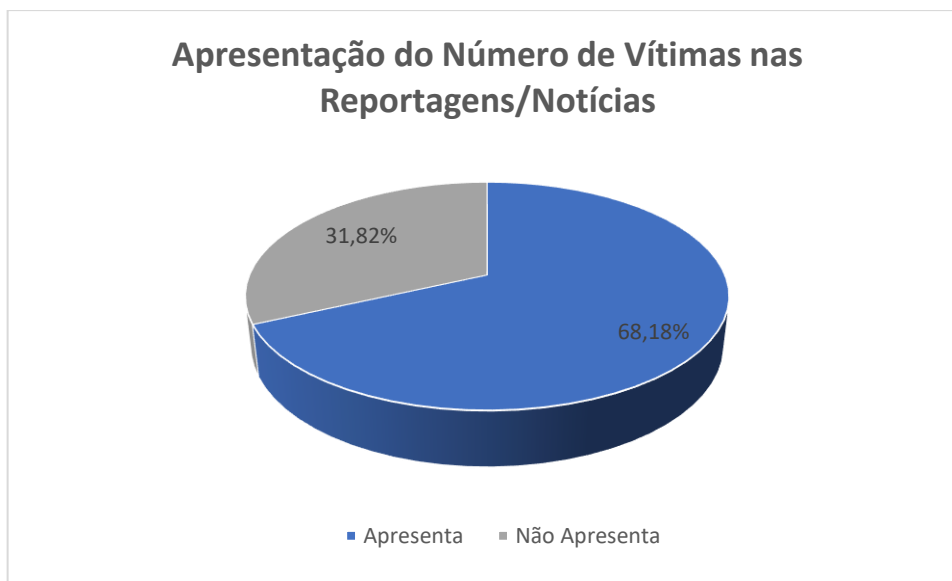
Fonte: Produção própria.

No tema que predomina na cobertura, política, o Gráfico 16 indica que temos as cinco palavras com maior reincidentência iguais ao panorama geral, e as do tema conflitivo. Inclusive, hierarquização das reincidentências não se alteram. “Armas químicas” continua em primeiro lugar, com 84 utilizações. Depois passa para “ataque” como 64, “bombardeio” com 35, “civis” com 19 e “terrorismo” com 18. Os números de reincidentência entre as palavras são semelhantes neste tema. No entanto, o significado das palavras e sua composição não remetem, imediatamente, para o tema que aparece em destaque.

6.6.2. Apresentação do número de vítimas nos textos

A apresentação do número de vítimas nas matérias, mesmo as que não se tratavam exclusivamente das consequências de um dos ataques, é algo recorrente e que chama a atenção. Podendo apontar uma tentativa dos repórteres em mensurar o tamanho e a gravidade dos danos que essa guerra tem causado.

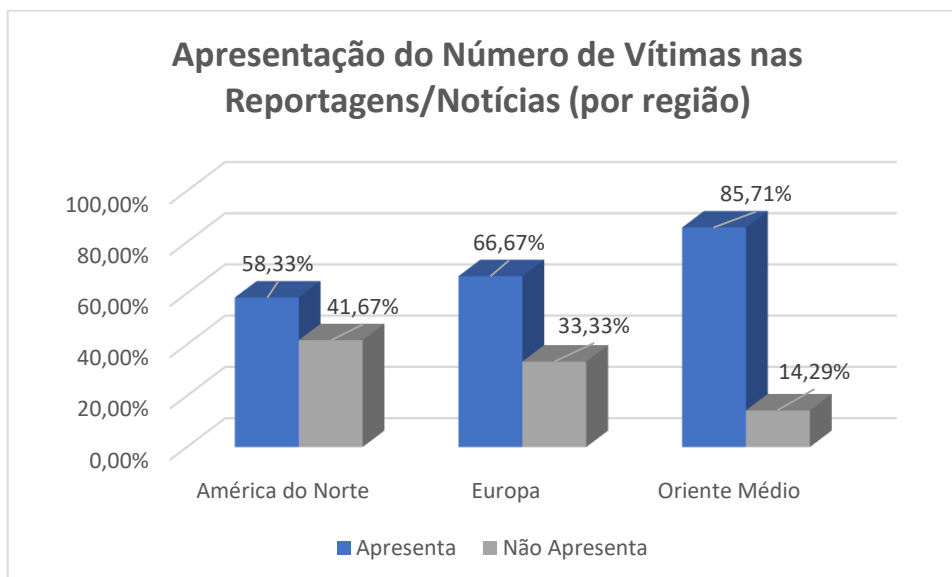
Gráfico 17 - Apresentação do número de vítimas nas reportagens/notícias



Fonte: Produção própria.

Como podemos observar no Gráfico 17, a apresentação do número de vítimas foi recorrente em muitos textos, quase 70% deles, inclusive naqueles que não enfocavam os ataques. Como na reportagem de Amanda Mars, com predominância política, “Trump chama Assad de ‘animal’, mas diz que EUA ‘não entrarão’ na Síria”, em que o trecho “custou a vida de 80 pessoas, incluindo muitas crianças”, aparece logo no segundo parágrafo.

Gráfico 18 - Apresentação do número de vítimas nas reportagens/notícias por região



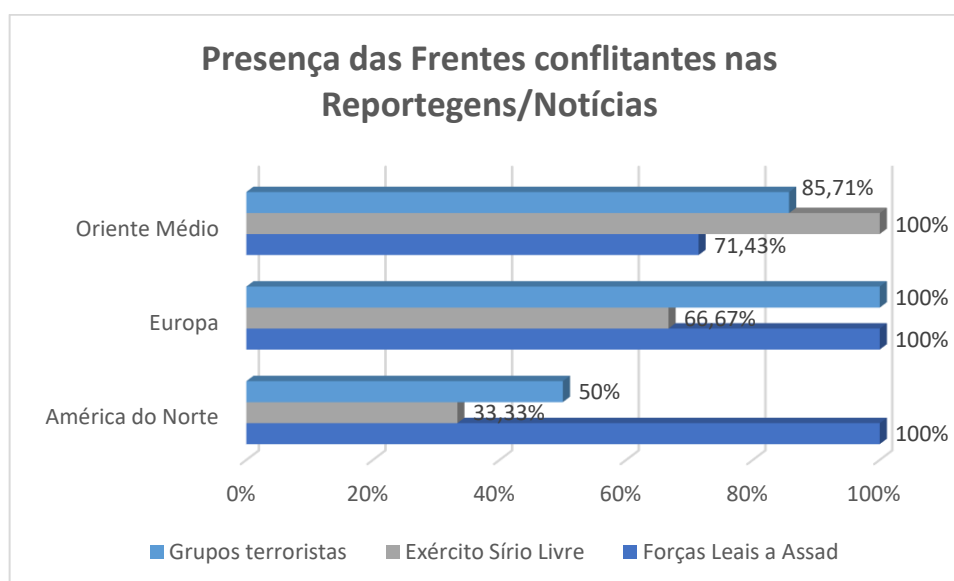
Fonte: Produção própria.

Quando separados, os textos por regiões, percebemos no Gráfico 18 um alto índice de apresentação do número de vítimas no Oriente Médio e uma, quase, equivalência na América do Norte. Na Europa, caracterizada pela predominância política em todas as reportagens, o número de vítimas aparece 66,67% dos textos. Seja com maiores ou menores índices é fato que nas três regiões o número de vítimas aparecem em mais da metade dos textos produzidos.

6.6.3. Presença das frentes conflitantes nos textos

É normal que em textos que compõem a cobertura de uma guerra cite as frentes que nela disputam. No entanto, nem sempre todos os lados aparecem nos textos, o que acaba por, algumas vezes, tornar o texto tendencioso. Na cobertura do El País sobre a guerra na Síria a presença de uma frente ou outra se altera de acordo com a origem da matéria.

Gráfico 19 - Presença das frentes conflitantes nas reportagens/notícias



Fonte: Produção própria.

Analisando o Gráfico 19, algumas tendências ficam evidentes. No Oriente Médio é possível encontrar a presença do Exército Sírio Livre, frequentemente citados como rebelde ou insurgente, em todos os textos. Em seguida, com 85%, aparecem os grupos terroristas, dentre todos o mais citado é o Estado Islâmico. E

como uma menor incidência, mas também significativa, temos as Forças Leais a Assad com 71,43%.

Na Europa, se acentuam a presença das Forças Leais a Assad e grupos terroristas, ambos aparecem em todos os textos. No entanto, muitas fontes oficiais utilizam o termo “terroristas” para se referirem ao Exército Sírio Livre. Como na reportagem “Rússia suspende acordo com os EUA que evitava incidentes aéreos na Síria”, 7 de abril de 2017, de Pilar Bonet, em que o presidente russo, Vladimir Putin, diz: “Casos de utilização de armas químicas por parte dos terroristas [insurgentes sírios] só piora gravemente a situação”. A própria repórter esclarece, entre colchetes, que o presidente se referia à oposição de Assad. Com isso, o Exército Sírio Livre se faz presente em 66,67% dos textos.

Figura 7 - Trecho da reportagem “Rússia suspende acordo com os EUA que evitava incidentes aéreos na Síria”.

≡ EL PAÍS

INTERNACIONAL

Armas químicas

O Kremlin argumenta que o Exército sírio não dispõe de arsenais químicos, já que sua destruição foi “determinada e confirmada pela Organização de Proibição de Armas Químicas [OPAQ]”. Putin considera que “a total ignorância” sobre “casos de utilização de armas químicas por parte dos terroristas [insurgentes sírios] só piora gravemente a situação”.

O presidente russo acrescenta, nessa nota, que Trump, ao ordenar um ataque à base de Al Sharyat, “causa um importante dano às relações entre Washington e Moscou, que já se encontram por si só num estado lamentável”. “O mais importante”, acrescenta, “é que este passo não nos aproxima do objetivo final na luta contra o terrorismo internacional, pelo contrário, pois cria sérios obstáculos à formação de uma coalizão internacional que o combata e se oponha de forma eficaz a este mal universal, que o presidente Donald Trump declarou ser uma de suas mais importantes tarefas durante a campanha pré-eleitoral”. Nos ataques à Síria por parte dos EUA, Putin vê uma tentativa de distrair a atenção da comunidade internacional das numerosas vítimas “entre a população pacífica do Iraque”.

Fonte: Site do El País.

Na América do Norte as Forças Leais a Assad se destacam, aparecendo em 100% dos textos. No entanto, apresenta os menores índices de presença das outras duas frentes, grupos terroristas aparecem em 50% e o Exército Sírio Livre em

apenas 33,33%. Demonstrando uma tendência dos textos produzidos nos Estados Unidos em ignorar as outras frentes.

Desta forma, encerro o capítulo de análise com uma citação usada no referencial teórico. “Os meios de comunicação contam com poder suficiente para numa guerra dar a cara ao que mais convém ou interessa, tanto a nível político como econômico” (PACHECO, 2014).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atingir o principal objetivo desta pesquisa, que é identificar e analisar como o site do El País organiza a cobertura da guerra na Síria, no período de 05 a 15 de abril de 2017, a partir de seus correspondentes que vivem na América do Norte, Oriente Médio e Europa, foi necessário muita contextualização e reflexão.

A começar pelo Capítulo 2, que esclarece a relação entre jornalismo e conflito, em que o vínculo é sustentado pelo interesse do público em assistir a violência. Duas das sete hipóteses levantadas por Wainberg (2005) para explicar tal atitude, fazem muito sentido na cobertura analisada: a “projeção” e a “retaliação do mal” - sendo projeção a escolha por uma das frentes de guerra e a retaliação do mal uma justificava para ataque e violência. Ambas são facilmente identificadas na ação dos Estados Unidos contra Assad.

Ainda no Capítulo 2, por meio de um comparativo feito por Amaral (2015), que fala sobre um atentado na França e os conflitos na África, podemos perceber que, aos olhos da imprensa, algumas vidas merecem mais destaque do que outras. Quando países considerados grandes potências se envolvem em conflitos há mais assunto a ser noticiado.

É uma situação que podemos ligar à guerra na Síria, pois ao mesmo tempo que os Estados Unidos utilizaram o sofrimento de uma população devastada para justificar um ataque, também a tornaram invisível logo depois disso. Isso porque, como podemos perceber com o capítulo de análise, os olhos do El País voltaram-se, quase que completamente, para as atitudes e repercussões políticas e não para as consequências que o ato provocou à população síria.

Ao finalizar a análise, uma situação referente à cobertura do jornal espanhol sobre a guerra na Síria fica evidente: a maior parte dela acontece bem longe da guerra. Dos 22 textos que compõem o corpus desta pesquisa, 68,19% foram produzidos nos Estados Unidos e na Europa. Resultado um tanto curioso, por se tratar de um conflito interno do país árabe.

De fato, um dos ataques ocorridos nesse meio tempo tirou os Estados Unidos da posição que assumia, sendo, talvez, um motivador para a elevada produção das reportagens no país. No entanto, essa ação ou reação dos norte-americanos provoca consequências no Oriente Médio, que em sua maioria são ignoradas ou sintetizadas, diferente do que acontece com as reportagens que falam sobre os

trâmites políticos. Além disso, a cobertura feita direto dos EUA demonstra a pouca capacidade do veículo em deslocar seus repórteres até perto do conflito – mesmo que fosse em um país de fronteira à Síria.

Também devemos lembrar que a predominância política nos textos que compõem cobertura atinge quase 60%. É importante considerar, é claro, que a guerra é uma ação política, executada, na maioria das vezes, por políticos, e a sua grande causa é também a política. Neste caso, como vimos no Capítulo 4, o conflito iniciou com a violenta resistência de Assad aos protestos da população, realizados na euforia da Primavera Árabe. O que antes era um protesto pacífico transformou-se em um grupo de insurgentes que exigiam a queda do regime. Na disputa por território e demonstração de poder de destruição a Síria sucumbiu e consigo o seu povo.

Na antiga briga, que se arrasta desde a Guerra Fria, como citado no capítulo 2, Estados Unidos e Rússia se inseriram no conflito, como apoiadores, em lados opostos. No entanto, a conduta dos apoiadores ganhou mais destaque e espaço do que as próprias frentes de guerra. Na parte política da cobertura do El País, a guerra da Síria transformou-se em uma guerra de Trump contra Assad, tendo Putin como mediador. Ou seja, um conflito pelo poder.

Mas o problema que vejo em toda essa predominância política não é apenas a forma como ela é retratada, mas o que ela esconde. As ações políticas geram a guerra, e as consequências delas impactam na população, que é a principal interessada na retratação de sua situação. A predominância humanitária nos textos é de apenas 13,64%, e a conflitiva de 27,7%. Trabalhar questões humanitárias é fundamental para entendermos os vários lados da guerra e para conhecermos as consequências de tais conflitos.

Com a maioria das matérias produzidas nos Estados Unidos, o assunto retaliação teve destaque entre as reportagens. No entanto, também pode-se ter a perspectiva de que o jornal El País optou por dar maior atenção para um ataque que desestabilizou a relação entre duas grandes potências, historicamente conflituosas. Com isso, intencionalmente ou não, acabou contribuindo para a visibilidade do, então, novo presidente norte-americano. E o primeiro ataque, que teve utilização de armas químicas, consideradas crime de guerra pela ONU, matando dezenas de pessoas, entre elas muitas crianças, foi considerado não tão importante, presente em menos de 25% das matérias. Isso revela que a opção do El País por dar maior

atenção às matérias políticas envolvendo grande potências resultou em uma cobertura negligente e insuficiente no Oriente Médio. Neste ponto podemos identificar também a naturalização das mortes dos cidadãos sírios, sendo retratada como uma consequência trágica mas comum aos povos árabes, diferente do que se observa em conflitos de países considerados de 1º mundo.

Na cobertura de uma guerra as reportagens que descrevem o ambiente do conflito compreendem menos 40% do total, sendo superadas pelo ambiente político. No entanto, o ambiente político no qual essas matérias estão posicionadas não é o das frentes que declararam guerra na Síria, aliados de Assad contra Exército Sírio Livre (rebeldes), é de países geograficamente distantes que podem ter vínculo com os líderes políticos, mas de nada compreendem ou consideram a situação da população. Uma guerra em que os bastidores distantes, no entanto poderosos, são mais retratados do que os embates e conflitos físicos.

Em compensação, a cobertura realizada no Oriente Médio, pelos repórteres Natalia Sancha e Juan Carlos Sanz, se diferencia das demais. Se observarmos os gráficos é notório que no local os textos foram melhor distribuídos entre os temas e assuntos. O Oriente Médio é o único que trabalhou com reportagens humanizadas, que falavam sobre a vida dos cidadãos sírios em meio aos ataques e decisões políticas – o que demonstra algo que acreditamos: é muito importante o repórter estar próximo da notícia, principalmente para ele ter uma visão menos distorcida sobre a realidade.

É claro que a proximidade influencia na produção das reportagens e contato com as fontes, mas levando em consideração que os acessos a essas fontes da população síria foram realizados via aplicativos de mensagens e ligações (indicados nas reportagens), talvez fosse importante abrir espaço de fala para elas também nos textos políticos. Afinal a população síria foi ouvida apenas nas reportagens produzidas no Oriente Médio.

Outra situação perigosa nos textos de predominância política são as fontes, maioria oficial, com conteúdos genéricos como comunicado oficial, pronunciamentos em redes sociais e até mesmo utilizando as informações de agências de notícias. É considerável que o fato de um repórter redigir o texto torna-o singular, como diz Adghirni (2013), todo sujeito é singular, portanto irá reconstruir os fatos de acordo sua subjetividade inegável, mas essa singularidade é afetada quando uma parte fundamental para a construção do texto, as fontes, são genéricas.

Ainda sobre as fontes oficiais, temos novamente uma situação que pode levar a cobertura do El País a uma posição tendenciosa, tendo em consideração que maioria delas vem dos Estados Unidos e posicionam-se contra Assad. Embora a posição das fontes oficiais ouvidas na Europa inverta a quantidade de textos produzidos lá não chega a metade da produção norte-americana, portanto, a disparidade entre as situações continua grande.

O jornalista correspondente internacional foi abordado no Capítulo 3, que destacou a importância de ter um repórter do veículo, trabalhando exclusivamente para ele fora do país. Considerando que, entre outras coisas, a proximidade deste repórter permite a ele construir um texto diferente e mais aprofundado.

Fazendo um elo com a cobertura realizada pelo El País, considerando o conteúdo produzido, é inevitável o questionamento sobre a efetividade dos repórteres neste episódio. É perceptível que as matérias não foram produzidas *in loco*. Talvez tenha sido por opção e comodidade de seguir uma linha de jornalismo, a partir da internet, cada vez mais fechado dentro da redação. Mas essa decisão prejudica o conteúdo e abala o sentido de se ter um correspondente internacional.

Analisando os dados dos 22 textos que compõem a cobertura da guerra no momento estipulado, nota-se que o real conflito se esconde e perde espaço em meio a articulação política, com a intervenção de grandes potências. Raras são as vezes que se contextualiza os motivos causadores de tal confronto. O exército sírio livre, opositor de Assad é praticamente invisível, lembrado em poucos momentos. Os grupos terroristas são citados mais vezes, mas raramente com a preocupação de mais uma ameaça aos cidadãos sírios ou uma contribuição para o aumento da guerra. Geralmente servem como justificativa para o estabelecimento das forças armadas norte-americanas e russas na Síria.

De fato o El País apresenta uma cobertura feita a muitas mãos, cobrindo locais estratégicos, demonstrando uma preocupação com a apresentação de um conteúdo exclusivo. Mas, mesmo colocando repórteres nas três regiões apresentadas, a partir da análise podemos detectar que boa parte dos textos foram produzidos de dentro das redações, com a diferença de que essas estão localizadas nos locais em que ocorreram as notícias.

Considerando os custos do El País com repórteres instalados nessas regiões, acredito que as reportagens poderiam ser mais aprofundadas, trazendo principalmente mais informações exclusivas, explorando melhor as fontes ao

alcance. Sabemos que a Síria é um país letal para os jornalistas, mas considerando que os repórteres do El País estão no Oriente Médio, as fronteiras podem ser um bom local para encontrar fontes da população civil que falem sobre a guerra.

Acredito também que seria necessário maior atenção às questões humanitárias da população Síria, observadas para além dos ataques e número de vítimas, contextualizando com maior profundidade as situações culturais de uma população tão estigmatizada. Como já diziam Guedes, Dias e Souza (2011), há uma tendência a associação da população árabe com terroristas, pessoas violentas que lutam por gostar. E um esquecimento quanto à relação de toda a questão histórica que envolve uma região explorada por grandes potências. Fazer essa contextualização é praticar um jornalismo que contribui para a construção de uma conscientização coletiva sobre a situação dos sírios, sem a necessidade de apelar para a espetacularização dos atos de violência.

A cobertura sobre a guerra civil da Síria realizada pelo El País, neste período, não é contada por quem a vivencia e sofre com cada ato decidido à distância. Uma população que muito já foi oprimida e calada, continua na mesma situação só que agora seu opressor é a mídia, quem deveria estar contando a sua história, e o faz, mesmo assim, mas pelas vozes de outros. Sendo assim, ainda que o El País tenha trabalhado mais com repórteres do que com os textos de agências de notícia, sua cobertura pouco se difere dos demais veículos e acaba reproduzindo o comum.

Com isso, podemos considerar o objetivo desta pesquisa alcançado, conseguimos, por meio da análise de conteúdo, esmiuçar e entender como o El País organizou e realizou a sua cobertura dos episódios que ocorreram em abril de 2017 na Síria. A pesquisa foi importante e esclarecedora em muitos sentidos, principalmente sobre a construção e produção de matérias no ambiente internacional. Também foi surpreendente, pois ao ler os textos separados enquanto acompanhava a cobertura em tempo real, a predominância política parecia mais sutil, sendo difícil a percepção da influência que essa pode acarretar na opinião pública. Este trabalho também foi um espaço de descoberta sobre a prática de pesquisa, e é um estímulo para dar continuidade ao aprofundamento do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. In: **Intexto**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n.28, p. 32-52, 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41160> > Acesso em: 22 jun. 2017.

AGNEZ, Luciane. A profissão de Correspondente Internacional: entre ameaças e oportunidades. **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 10., Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2012. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/2851273-A-profissao-de-correspondente-internacional-entre-ameacas-e-oportunidades.html>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

AGNEZ, Luciane. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro**: a carreira dos correspondentes internacionais. Brasília: Universidade de Brasília Faculdade de comunicação Programa de pós-graduação, 2014. Disponível em:

<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17031> > Acesso em: 22 nov. 2017.

AGNEZ, Luciane; MOURA, Dione. Correspondentes internacionais: A permanência do mito do repórter nas estratégias em defesa da identidade profissional. In: **Sur le journalisme - About journalism - Sobre jornalismo**, v.5, n°1, 2016, p. 86-99.

Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/189> > Acesso em: 22 nov. 2017.

AGUIAR, Pedro. **Agências de Notícias, Estado e Desenvolvimento**: modelos adotados nos países brics. In: Brazilian Journalism Research, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2016. Disponível em:< <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/831> > Acesso em: 22 nov. 2017.

AGUIAR, Pedro. Notas para uma História do Jornalismo de Agências. **Encontro Nacional da História da Mídia**: mídia alternativa e alternativas midiáticas,7.

Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Notas%20para%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20de%20Agencias.pdf> > Acesso em: 22 nov. 2017.

AHRENS, Jan Martínez. **Trump lança mísseis contra o Exército sírio em resposta ao ataque químico**. El País. 2017. Disponível em: <

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/06/internacional/1491506181_402836.html. > Acesso em: 22 mai. 2018.

ALVES, Lorena Castro. **A Guerra Civil na Síria**. Escola Educação, 2015. Disponível em: < <http://escolaeducacao.com.br/guerra-civil-na-siria/> > Acesso em: 15 fev. 2018.

AMARAL, Rodrigo Augusto Duarte. Considerações sobre a violência pela ótica de Johan Galtung: alguns aspectos do terrorismo e o advento da intolerância. **Carderno de Campo**: Revista de Ciências Sociais, n.19, p.101-116, 2015. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/7661> > Acesso em: 10 - 11 nov. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição 1. Lisboa, Portugal: Edições 70 - Brasil, 2011.

BIAGE, Orivaldo Leme. **O Imaginário e as Guerras da Imprensa**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/9-teses/662-o-imaginario-e-as-guerras-da-imprensa-estudo-das-coberturas-realizadas-pela-imprensa-brasileira-da-guerra-da-coreia-1950-1953-e-da-guerra-do-vietna-na-sua-chamada-fase-americana-1964-1973> > Acesso em: 10 -11 nov. 2017.

BIJOS, Leila; SILVA, Patrícia Almeida. **Análise da Primavera Árabe**: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. In: **Revista CEJ**, n. 59, p. 58-71, Brasília: Conselho da Justiça Federal, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/issue/view/111/showToc>.> Acesso em: 19 mai. 2018.

BORGES, Lorena. **Entre a Informação e a Censura no Front**: A guerra perdida dos correspondentes. Goiânia: Universidade Federal De Goiás, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/handle/ri/4141> > Acesso em: 22 nov. 2017.

CALEIRO, João Pedro. Síria perdeu metade da sua economia com guerra civil. **Exame**. 2016. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/economia/siria-perdeu-metade-da-sua-economia-com-guerra-civil/> > Acesso em: 22 mai. 2018.

CAMARGO, Cláudio. Guerras Árabe-Israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das Guerras**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CARRASCO, Mayte. **Encontro Folha de Jornalismo**. São Paulo, Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1741062-jornalistas-descrevem-dificuldades-da-cobertura-de-conflitos.shtml> > Acesso em: 22 mai. 2018.

COIMBRA, Sérgio. **Síria**: os sete pilares da sabedoria. Diário de Notícias. 2005. Disponível em: <<https://www.voltaaomundo.pt/2018/03/07/reportagem-especial-como-era-a-siria-antes-da-guerra/> > Acesso em: 22 mai. 2018.

COMITÊ para a Proteção dos Jornalistas. **73 Journalists Killed**. 2015. Disponível em: <

DORATIOTO, Francisco. GUERRA DO PARAGUAI. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das Guerras**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

ERHAIM, Zaina. Como jornalistas cidadãos sobrevivem na Síria. Sam Berkhead, **ijnet**, 2015. Disponível em: < <https://ijnet.org/pt-br/blog/como-jornalistas-cidad%C3%A3os-sobrevivem-na-s%C3%ADria>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

G1. **Domínio das cidades sírias**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/entenda-quem-luta-contr-quem-na-siria.html>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

GALTUNG, Iohan. Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-europeia. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 71, Junho 2005, p. 63-75. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/doi/02541106/2012/00000001/00000071/art00005>> Acesso em: 22 nov. 2017.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987. Disponível em: <<http://www.adelmo.com.br/index1.htm>> Acesso em: 22 nov. 2017.

GUEDES, João Victor; DIAS, Luciene; SOUZA, Rômulo. A Mídia Ocidental e os povos Árabes – uma relação de preconceito e generalizações. In: **Congresso de Ciências da Comunicação**, 8., Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Cuiabá, 2011. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0044-1.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2017.

HARKING, James. **Encontro Folha de Jornalismo**. São Paulo, Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://m.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1741062-jornalistas-descrevem-dificuldades-da-cobertura-de-conflitos.shtml>> Acesso em: 22 mai. 2018.

LEITE, Alexandre Cesar Cunha. **A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo**. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/7442>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das Guerras**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

OBSERVATÓRIO da Imprensa. **A mídia vai à guerra**. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-midia-vai-a-guerra/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

PACHECO, Marta da Silva. **A cobertura de conflitos internacionais na imprensa popular portuguesa: o caso da guerra na Síria no Correio da Manhã.**

Universidade Católica Portuguesa, 2014. Disponível em:

<<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/16922> > Acesso em: 10 nov. 2017.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. A imprensa e a Guerra do Paraguai. In:

CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., São Paulo, Faculdade Cásper Líbero; Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/lista_area_04.htm > Acesso em: 14 nov. 2017.

PEREIRA, Aline Andrade. **A imprensa durante a Primeira Guerra Mundial e a organização das notícias: do título à manchete.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s/a. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-6-fevereiro-de-2013/a-imprensa-durante-a-primeira-guerra-mundial-e-a-organizacao-das-noticias-do-titulo-a-manchete> > Acesso em: 22 nov. 2017.

PERES, Andréa. **Enviado especial à ...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90).** Campinas:

Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279147>> Acesso em: 22 jul. 2017.

RÁDIO NOTÍCIAS TSF. **Síria. Antes e depois da guerra.** 2016. Disponível em:

<<https://www.tsf.pt/internacional/interior/siria-antes-e-depois-da-guerra-5266974.html> > Acesso em: 22 mai. 2018.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “Perigo Vermelho” na América Latina e a Grande Imprensa Durante os Primeiros Anos da Guerra-Fria (1947-1955). In: **Diálogos**, DHI/UEM, Maringá, v. 8, n.1, p. 189-208, set./dez., 2004. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38031>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

RIBEIRO, José. **O gosto da guerra.** Edição 1. São Paulo: Objetiva, 2005..

ROCHE, Alexandre. Tensões da Primavera do mundo árabe-sunita: entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 51, p. 47-56, jan./jun. 2012. Disponível em: <

<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/issue/view/7/showToc> > Acesso em: 22 mai. 2018.

SANCHA, Natalia. Ataque químico causa matança na zona rebelde síria. **El País**. 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/internacional/1491292477_793091.html > Acesso em: 22 mai. 2018.

SANCHA, Natalia. Informar a partir da Síria, uma missão impossível. **El País**. 2015. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/21/internacional/1437502491_530090.html >
Acesso em: 22 mai. 2018.

TOTA, Pedro. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. In: MAGNOLI, Demétrio (Org).
História das Guerras. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

VISENTINI, Paulo Fagundes; et al. O Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 51, p. 57-79, jan./jun. 2012. Disponível em:
<<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/issue/view/7/showToc> > Acesso em: 22 mai. 2018.

WAINBERG, Jacques. **Mídia e terror: comunicação e violência política**. Edição 1. São Paulo: Paulus, 2005.

ZAMIN, Angela. Conflitos sobre o conflito: crise colombo-equatoriana em jornais latino-americanos. In: **Intexto**, n.28, p.63-80, Porto Alegre: UFRGS, julho 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41162> > Acesso em: 09 dez. 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – INSTRUMENTO DE ANÁLISE

Instrumento de Análise						
Marcas Jornalísticas						
Editoria e data:						
Retranca:						
Título:						
Autor:						
Local:		Oriente Médio	América do Norte	Europa		
Gênero Jornalístico:		Notícia	Reportagem			
Fontes:						
Marcas de Apuração e Conteúdo Textual						
Contextualização	Predominância:	Humanitária	Política	Conflitiva	Outros	
	Foco noticioso:	Ataque	Retaliação	Conflito armado	Humanitário	Divergências e Articulações Políticas
	Ambientação:	Ambiente de guerra	Ambiente Político	Ambiente Neutro		
Vozes da guerra (Fontes)	Vozes sobre a Síria e sobre os Sírios:	Número Geral	A Favor de Assad	A Favor do Exército Sírio Livre		
	Ajuda humanitária como fonte de informação	Número Geral				
	Vozes sírias:	Número Geral	Contato por WhatsApp	Contato por telefone	Contato pessoal	Outros
Destques de Conteúdo	Palavras ou sentenças recorrentes:					
	Apresentação do Número de Vítimas:					
	Frentes conflitantes:	Forças Leiais a Assad	Exército Sírio Livre	Grupos terroristas		